

## **A galopante expansão da internet**

*“Olhem para a Geração Net. Os filhos da geração da explosão demográfica tem cinco a sete janelas de mensagens instantâneas abertas ao mesmo tempo. Quando estão ligados à Net, fazem-no socialmente. O computador não é uma caixa, o computador é uma porta de entrada.” (Tapscott e Williams, 2006: 286)*

A citação de Ross Mayfield, utilizada por Don Tapscott e Anthony D. Williams na obra “Wikinomics”, é reveladora da nova realidade social característica do nosso mundo de hoje. Vivemos então na chamada pós-modernidade, assim definida por Anthony Giddens que atribui ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação o papel de fronteira para a entrada nesta nova era. Neste sentido, a Internet com todas as suas possibilidades de comunicação e de ligação surge como ferramenta fundamental, alteradora de rotinas e tradições, sobretudo entre os mais novos, aqueles a que Mayfield designa de “Geração Net”.

Antes de explorarmos o ponto em que estamos em termos do desenvolvimento desta geração e das novas formas de relacionamento por ela criadas, importa recuar um pouco e ver onde tudo começou. Desde o seu surgimento até aquilo que é hoje não se passaram quatro décadas. Na verdade, a utilização da Internet por todo o mundo espalhou-se muito mais rapidamente que qualquer outro meio de comunicação ao longo da história, como notam os autores de “A Sociedade em Rede em Portugal” (2005: 81). Também Castells frisa esta rapidez do meio ao afirmar que “nos Estados Unidos, a rádio levou trinta anos a chegar a 60 milhões de pessoas; a TV alcançou este nível de difusão em quinze anos, a internet levou apenas três anos após o desenvolvimento da World Wide Web” (2007: 463).

Na génese daquilo que conhecemos hoje como Internet está a ARPANET (Advanced Research Projects Agency e de Net), uma rede militar criada pelo Pentágono em 1969 idealizada por Paul Baran e que tinha como objectivo assegurar a sobrevivência das redes de comunicação em caso de ataque nuclear. Começando por estar ligada a quatro servidores em laboratórios onde os investigadores podiam trocar dados entre si, a rede rapidamente evoluiu. Entre 1983 e 1995 a ARPANET foi substituída com a criação da internet (Cardoso, 2003: 19). A partir deste ponto os investigadores dedicaram-se a desenvolver novas utilizações, como as mensagens electrónicas, potencialidades ainda exclusivas de cientistas e universitários.

Os contínuos progressos tecnológicos na área, com especial destaque para a generalização do computador pessoal e a criação da World Wide Web (WWW) em 1990 (com base no conceito de “hipertexto” que permite estabelecer ligações entre palavras, texto, som e imagem de forma não linear) (Cardoso, 2003: 22), bem como a privatização da Internet nos Estados Unidos, criaram as condições necessárias para a “explosão do uso da Internet” (Cardoso et al, 2005: 82). Na obra “Galáxia Internet”, Manuel Castells fala na conjugação de “três processos independentes, que derivaram numa nova estrutura social baseada predominantemente em redes”, no último quarto do século XX: “As necessidades da economia em flexibilizar a gestão e de globalizar o capital, a produção e o comércio. A procura de uma sociedade em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta fossem fundamentais. E, por fim, os extraordinários avanços da informática e das telecomunicações, o que só foi possível graças à revolução da microelectrónica” (2001: 16).

Os dados, de resto, falam por si: em 1995 existiam no globo cerca de 16 milhões de utilizadores da Internet e em 2003 estes estavam já perto dos 649 milhões (Cardoso et al, 2005: 81). Um número que foi aumentando à medida que as potencialidades desta ferramenta tecnológica foram também sendo cada vez mais. Como escrevia já em 1995 Pierre-Leonard Harvey, a internet constitui “uma vasta teia de aranha, uma massa de redes interligadas, um polvo sem cabeça, onde o controlo e a regulamentação estão quase ausentes: a periferia está no centro e o centro está na periferia” (2002: 88). Os mais de 2 mil milhões de utilizadores espalhados pelo mundo, segundo dados de 2010 da International Telecommunication Union<sup>1</sup>, - números que, no entanto, não representam uma distribuição geográfica igualitária de acesso, já que os países em vias de desenvolvimento continuam arredados da inovação tecnológica, estando apenas empenhados na luta pelos bens mais essenciais à sua sobrevivência – podem através da Internet efectuar um sem fim de acções, desde a mais básica pesquisa de informação, até à realização de transacções económicas, passando pelo desenvolvimento de relações sociais.

---

<sup>1</sup> Site da International Telecommunication Union – Disponível em <http://www.itu.int/net/pressoffice/stats/2011/01/index.aspx> (Acedido em Setembro 2011)

## *Portugal e a rede*

“Torna-se pertinente falar de Portugal como cenário de “processos de uma modernidade inacabada”, como um “país dual”, onde inovação e apego a antigos modos de estar e fazer se cruzam e se sobrepõem, ou como palco de um desenvolvimento intermédio, numa condição híbrida de “semiperiferia” (Cardoso et al, 2005: 31). Com este conjunto de definições, os autores do estudo “A Sociedade em Rede em Portugal” procuram mostrar o que dizem ser “o carácter complexo e, não raras vezes, contraditório da sociedade portuguesa do final do século XX e início do século XXI”.

Nesta obra, apresentam os baixos níveis de qualificação da maior parte da população portuguesa, nomeadamente a inserida no mercado de trabalho, como “um dos principais obstáculos ao desenvolvimento, em Portugal, de uma sociedade de modernidade avançada e de uma economia baseada no conhecimento ou, nos termos da conceitualização de Manuel Castells à transição para a sociedade em rede.” Apesar desta apreciação algo negativa do cenário português, é inegável a evolução que se tem registado no que toca à utilização da Internet (Cardoso et al, 2005).

De acordo com os dados do estudo, em 1995, 11 por cento das famílias portuguesas possuíam computador, mas nenhuma tinha ligação à Internet, e em 2003 estas representavam já 22 por cento. Números que não pararam de crescer desde então e no primeiro trimestre de 2010, 48 por cento dos lares portugueses tinham acesso à Internet, como revela o estudo desenvolvido no âmbito do World Internet Project (WIP)<sup>2</sup>. Através da aplicação de um questionário a uma amostra populacional de 1255 indivíduos a nível nacional, os investigadores chegaram ao número de 44, 6 por cento de utilizadores de Internet. Têm, na sua maioria (63 por cento), entre 15 e 34 anos e procuram a Internet para consultar o email (89 por cento), comunicar

---

<sup>2</sup> Trata-se de um projecto fundado em 1999 pelo Center for the Digital Future Annenberg School of Communication, da Universidade da Califórnia do Sul, que procura avaliar os impactos sociais da utilização da Internet numa perspectiva multinacional e que integra investigadores de instituições e universidades de 34 países dos vários continentes. Portugal é representado pelo Lisbon Internet and Networks International Research Programme (LINI) surgido do trabalho conjunto do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES), da Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP (UMIC), do OberCom e da Associação para o Desenvolvimento das Telecomunicações e Técnicas de Informática (ADETTI).

através de mensagens instantâneas (74,5 por cento) e utilizar as redes sociais virtuais (56,4 por cento).

### **As comunidades virtuais**

Na obra “Para uma sociologia do ciberespaço”, Gustavo Cardoso perspectiva a internet como uma “tecnologia eminentemente social”, com o objectivo de, assim, compreender as relações que se criam neste espaço. Isto em 1997, altura em que desenvolveu a sua análise da PT-net – a primeira rede de IRC portuguesa, ainda hoje em funcionamento, – quando as “comunidades virtuais” em Portugal estavam ainda no seu início. O autor parte, então, do princípio que os “utilizadores da Internet e do ciberespaço não procuram apenas informação, mas também pertença, apoio e afirmação” (1998: 2).

Até ao surgimento de Internet, entendia-se o conceito de comunidade, essencialmente, ligado ao espaço geográfico em que coabitavam um conjunto de indivíduos. Na realidade, como frisa Pierre-Leonard Harvey, “de um ponto de vista antropológico, o homem sofreu a influência unívoca do território físico durante quatro mil anos” (2002: 31). A partilha de interesses era, normalmente, um elemento chave na formação destas comunidades, embora não fosse tácito, já que o conceito estava mais ligado à ideia de bairro, território. Na era da Internet, o “território físico” de Harvey já não existe. Na verdade, já não existem fronteiras. Uma “comunidade virtual” pode ser formada por indivíduos de centenas de países diferentes, que partilham interesses, objectivos.

Terá sido Howard Rheingold um dos primeiros autores a utilizar o termo “comunidade virtual” para se referir aos grupos indivíduos que interagem no ciberespaço. Num ensaio publicado em 1987, Rheingold, que era utilizador do The Whole Earth 'Lectonic Link, um dos projectos embrionários destas comunidades, apresentou o conceito como “um grupo de pessoas que podem ou não encontrar-se pessoalmente e que trocam palavras e ideias através de um quadro electrónico e de redes” (Kirkpatrick, 2011: 92). Na sua definição “as comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]” (Recuero, 2003: 5).

Foi através de grupos online, salas de chat e trocas de *emails* que um crescente número de pessoas se familiarizou com a comunicação online, mas foi em 1997 que se iniciou a “era moderna das redes sociais”, segundo Kirkpatrick (2011: 93). Para o autor de “O efeito Facebook”, a *start-up* Sixdegrees, surgida em Nova Iorque, ao disponibilizar um serviço com base na identidade verdadeira trouxe algo de absolutamente inovador. Este foi o “primeiro negócio *online* que tentou identificar e delinear um mapa do conjunto de relações entre pessoas reais que utilizam os seus nomes verdadeiros” (Kirkpatrick, 2011: 93). O Sixdegrees.com foi o primeiro a combinar várias possibilidades, como a criação de perfil, a listagem de amigos e navegar pelos perfis destes, e por isso chamou a atenção de milhões de utilizadores. (boyd e Ellison, 2007).

Entre 1997 e 2000 surgiram vários serviços de redes sociais online, como o Live Journal, Asianevenue, Blackplanet, LuinarStorm, Migente, Cyworld e o Ryze. No ano de 2002, um membro deste site, vocacionado para a área profissional, decide criar uma rede social que concorresse com o Match.com, um serviço que promove encontros amorosos. A ideia de Jonathan Abrams ao construir o Friendster era que é mais fácil encontrar pessoas mais interessantes através da rede de amigos. A grande “revolução”, como lhe chama Kirkpatrick, foi a introdução de fotografias nos perfis. “Podiam pesquisar para saber que pessoas viviam perto e que eram amigas de um amigo. Se gostasse da fotografia, podia tentar estabelecer uma ligação” (Kirkpatrick, 2011: 97). Em poucos meses o Friendster atingiu os 300.000 utilizadores, no entanto dificuldades técnicas, como a insuficiência dos servidores, e a exclusão daqueles que não utilizavam os seus nomes verdadeiros levou ao colapso da rede social.

A Web estava agora a entrar numa nova era, a Web 2.0, como a designaram em 2004 Tim O'Reilly e Dale Dougherty. Segundo Cardoso e Lamy, “embora a Internet sempre tenha sido um espaço social de comunicação - e não apenas um espaço de informação - ao adoptarmos a denominação Web 2.0 colocámo-nos perante a possibilidade de a nossa maior motivação para o uso da Internet ser a comunicação” (2011). Surge, então, “uma segunda geração de utilizadores, que tomam a Internet como um dado adquirido no seu quotidiano, e de novos serviços baseados na plataforma Web, que permitem a publicação de conteúdos gerados pelos utilizadores” (Gustavo, 2009: 27). Servem-se da Web como uma plataforma para as mais diversas actividades, como a expressão de experiências pessoais, opiniões, textos criativos, comentários a notícias e a publicação de vídeos e fotos.

Num universo tão competitivo como a Internet, em que as constantes inovações tecnológicas marcam a diferença, são muitas as histórias de sucesso e fracasso no que toca a redes sociais online. Um dos casos mais paradigmáticos desta instabilidade é o Myspace, que lançado em 2003 procurou atrair os utilizadores afastados do Friendster. Como sublinham boyd e Ellison, determinante para o sucesso deste novo serviço foi a fuga das bandas de rock expulsas daquela rede por não cumprirem os regulamentos. A ligação entre bandas e fãs foi uma excelente rampa de lançamento, mas a rede criada por Tom Anderson marcou também a diferença ao adicionar regularmente funcionalidades com base nas sugestões dos utilizadores e lhes permitir personalizar as páginas. Dada a sua natureza, os jovens começaram a aderir ao Myspace, que não fazia restrições no que diz respeito à idade, e três grupos distintos começaram a formar-se: músicos/artistas, adolescentes, e o grupo urbano pós-universitário (boyd e Ellison, 2007).

O Myspace transformou-se na primeira grande rede social nos Estados Unidos tendo atingido o seu pico em Dezembro de 2008 com 75,9 milhões de visitas por mês. A ascensão do Facebook, que veremos adiante, e o desgaste de alguns utilizadores fizeram com que a popularidade do site fosse decrescendo e em Maio de 2011 tinha cerca de 34,8 milhões de pessoas registadas. Tendo as redes sociais online se tornado um negócio de milhões, é revelador da sua volatilidade o facto do magnata dos media Rupert Murdoch ter comprado em 2005 o Myspace por 580 milhões e tê-lo vendido já em 2011 por apenas 35 milhões.

Na perspectiva de mais um sucesso, o gigante da Internet, Google entra no mundo das redes sociais em 2004 com o Orkut. No entanto, e apesar dos bons resultados entre os internautas norte-americanos, o site teve, “de uma forma algo estranha”, uma enorme adesão no Brasil. Actualmente mais de metade dos membros do Orkut são brasileiros, cerca de 29 milhões de utilizadores neste país, um número que só parou de crescer devido ao fenómeno do Facebook. Com a adesão em massa dos brasileiros, os norte-americanos começaram a abandonar o site, e embora seja uma das “maiores e mais sofisticadas redes sociais do mundo”, a Google transferiu mesmo a sede do Orkut para o Brasil.

Os primeiros anos da década de 2000 assistiram ao lançamento de inúmeras outras redes sociais online e a sua popularidade alastrou ao mundo inteiro. Alguns exemplos são o Friendster que conquistou as Ilhas do Pacífico e depois a Índia, o Mixi no Japão, o Bebo que se tornou muito popular no Reino Unido, Nova Zelândia

e Austrália e o Hi5 que foi adoptado em vários países da América do Sul e Europa, com grande implantação em Portugal – de acordo com o estudo do WIP, em 2010 esta era ainda a rede social mais utilizada, com 42,6 por cento dos internautas a terem um perfil registado.

De salientar ainda em 2003 o LinkedIn que é uma rede social vocacionada para os contactos profissionais e que conta actualmente com mais de 100 milhões de utilizadores, tendo já este ano ultrapassado o Myspace nos Estados Unidos, conquistando o terceiro lugar no ranking das redes sociais, logo depois do Facebook.<sup>3</sup> Para além das novas redes sociais, a comunicação e os serviços comunitários populares começaram a implementar as funcionalidades daqueles serviços. Esta foi também a época em que entraram no ciberespaço os sites de partilha de conteúdo utilizando as potencialidades das redes sociais assentes no princípio da contribuição do utilizador com casos de sucesso, como o Youtube, um serviço de partilha de vídeos que surgiu em 2005 e faz hoje parte do grupo da Google; o Flickr, que em 2004 trouxe aos amantes da fotografia uma comunidade para arquivo de fotografias, e o Last.fm, em 2002, que permite a troca de preferências musicais entre os utilizadores (boyd e Ellison, 2007).

Em 2006 nascia um novo conceito de comunidade online, o Twitter. Entre a rede social e o microblogging este serviço permite aos indivíduos com perfil criado o envio e a recepção de textos até 140 palavras no site, através do software de mensagens instantâneas ou de telemóveis. Em desenvolvimento na cabeça do seu fundador desde 2000, Jack Dorsey avançou quando se generalizou o uso de SMS (Short Messaging Service) nos Estados Unidos. A ideia subjacente é a “implementação virtual que imite o modo como as pessoas se movem na cidade” (Akcora e Demirbas, 2010). “O que é que estás a fazer?” é a questão por detrás dos chamados *tweets*, baseada na ideia do *status* do Facebook onde os utilizadores descrevem o que “está na sua mente”, que para além das 140 palavras podem também incluir fotografias e vídeos, que são visíveis para os “seguidores”, mas não necessariamente para quem o utilizador segue que pode não ser um seguidor daquele.

O rápido crescimento do Twitter tornou os *tweets* objecto de interesse e

---

<sup>3</sup> Artigo consultado no site online da agência de notícias Bloomberg – Disponível em <http://www.bloomberg.com/news/2011-07-08/linkedin-tops-myspace-to-become-second-largest-u-s-social-networking-site.html> (Acedido em Setembro 2011)

também ridicularização, na medida em que a larga maioria dos textos publicados se resumiam a trivialidades. No entanto, a utilização desta rede social na campanha de eleição do actual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama e o papel que teve na organização de protestos e disseminação de informação no Irão no rescaldo das eleições de 2009 trouxe-lhe um novo respeito. Actualmente, com cerca de 200 milhões de utilizadores em todo o mundo e a ocupar o terceiro lugar no ranking das redes sociais com mais utilizadores<sup>4</sup>, o Twitter tem-se tornado uma “importante ferramenta de marketing” para celebridades, políticos e negócios “prometendo um nível de intimidade online do qual nunca se aproximou antes, bem como dar ao público a possibilidade para falar directamente para as pessoas e as instituições até agora confortavelmente num pedestal.”<sup>5</sup>

Já em 2011 o Google lançou-se em mais uma tentativa com uma nova rede social, depois do fracasso do Google Buzz e do Google Wave, o Google +. A vantagem deste novo serviço, segundo o Google, é permitir aos utilizadores organizarem os seus contactos criando “círculos” de amizade específicos, com os contactos que realmente interessam. Partilhar com “conjuntos de pessoas mais pequenos e próximos, em vez de expor tudo para toda a gente como é comum no Facebook”.<sup>6</sup> Críticos já se pronunciaram, entretanto, afirmando que o Google+ “se limita a reproduzir algumas das características do Facebook, acrescentando-lhe a função de *videochat*”.<sup>7</sup>

O Google + arrancou em Junho, inicialmente com um número limitado de utilizadores que entravam na rede por convite e só depois abriu à generalidade do público. Hoje serão já mais de 43 milhões os utilizadores e é considerado o site com

---

<sup>4</sup> Artigo consultado no site online do jornal Telegraph – Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/technology/google/8718580/The-ten-most-popular-social-networking-websites.html> (Acedido em Setembro 2011)

<sup>5</sup> Artigo consultado no site online do jornal The New York Times – Disponível em <http://topics.nytimes.com/top/news/business/companies/twitter/index.html?inline=nyt-org> (Acedido em Setembro 2011)

<sup>6</sup> Artigo consultado no site online do jornal The New York Times – Disponível em <http://gadgetwise.blogs.nytimes.com/2011/06/30/what-google-is-all-about/> (Acedido em Setembro 2011)

<sup>7</sup> Artigo consultado no site online do jornal Público – Disponível em [http://www.publico.pt/Tecnologia/google-tenta-novamente-ser-uma-rede-social\\_1500749](http://www.publico.pt/Tecnologia/google-tenta-novamente-ser-uma-rede-social_1500749) (Acedido em Julho 2011)

o crescimento mais rápido da história. De acordo com a ComScore, uma empresa de pesquisa de marketing na Internet, os dados recolhidos até Agosto de 2011 mostraram que o Google + atingiu os 25 milhões de utilizadores um mês depois do lançamento, um número que o Facebook levou três anos a alcançar e o Twitter dois anos e meio.<sup>8</sup> Ainda é cedo para saber se a mais recente aposta do Google vai conseguir bater os números da rede social com mais utilizadores no mundo, o Facebook.

### *O colosso Facebook*

“O Thefacebook é um directório online que liga pessoas através de redes sociais em universidades. Abrimos o Thefacebook para consumo popular na Universidade de Harvard. Pode usar o de Facebook para: procurar pessoas na sua faculdade; descobrir quem está nas suas aulas; procurar os amigos dos seus amigos; obter uma visualização da sua rede social” (Kirkpatrick, 2011: 47). Com esta mensagem na página inicial, o Thefacebook iniciou em Fevereiro de 2004 um percurso de sucesso incomparável (para já) no universo das redes sociais.

Idealizado por Mark Zuckerberg, então com 20 anos, esta rede social pretendia pôr em contacto os alunos da sua universidade, Harvard, e por isso para participar o utilizador deveria ter um endereço de email com o domínio harvard.edu. Criava um perfil com apenas uma imagem e informações pessoais e académicas. Como frisa Kirkpatrick, o Thefacebook “não tinha um conteúdo próprio. Era meramente uma peça de software – uma plataforma para conteúdos criada pelos seus utilizadores” (2011: 48). O facto de ter lançado o site na época da escolha das disciplinas em Harvard contribuiu para a sua rápida expansão, uma vez que os alunos procuravam aqui saber quem estava inscrito em que disciplina. Não é, por isso, de espantar que na segunda semana de existência do Thefacebook houvesse alunos de outras universidades a contactar Zuckerberg no sentido de terem também o site. Três meses depois do arranque o site já estava a funcionar em 34 universidades e tinha quase 100 mil utilizadores (Kirkpatrick, 2011).

Foi ainda durante o ano de 2004 que Zuckerberg, agora já com uma equipa de

---

<sup>8</sup> Artigo consultado no site online da agência de notícias Reuters – Disponível em <http://in.reuters.com/article/2011/08/03/idINIndia-58589020110803> (Acedido em Setembro 2011)

outros jovens estudantes, introduziu aquela que viria a ser a característica mais popular do site, o mural que permitia a qualquer um escrever no perfil do outro. Depois de adquirir, no Verão de 2005, o endereço Facebook.com a rede social chegou ao Outono desse ano com 85 por cento dos estudantes universitários norte-americanos como utilizadores. Era a altura de abrir o site a novos grupos demográficos e os escolhidos foram os alunos do secundário, tendo a equipa incentivado os caloiros das universidades a adicionarem os amigos que ainda estavam no liceu e estes aderiram em massa, ao ritmo de 20 mil novos utilizadores por dia. O sucesso da rede social ia chamando a atenção das grandes empresas, mas Mark Zuckerberg não estava interessado em lucro, apenas o suficiente para manter o site e criar novas funcionalidades que fossem ao encontro das necessidades dos utilizadores, mesmo aquelas que estes desconheciam ter (Kirkpatrick, 2011).

Quando ultrapassaram a marca dos cinco milhões de membros, em Outubro de 2005, Mark Zuckerberg e a equipa adicionaram a aplicação das fotografias que iria “transformar o seu serviço” (Kirkpatrick, 2011: 198). A inovação residiu no facto das fotografias virem sempre associadas aos nomes de quem surgem nelas, utilizando para isso a funcionalidade dos *tags*, e na possibilidade de clicar aleatoriamente na foto para passar à seguinte, sem ser necessário um botão específico. Doug Hirsch, o recém-contratado director da área de produtos, terá sugerido então “que houvesse no Facebook uma característica realmente social que lhe pudéssemos acrescentar”, algo exclusivo do site. (Citado por Kirkpatrick, 2011: 199) Actualmente esta rede social é o maior repositório de fotografias do mundo com 140 mil milhões de imagens digitais descarregadas pelos próprios utilizadores.<sup>9</sup>

Entretanto, as novidades não paravam de surgir e de fazer sucesso entre os membros da rede social, como o *timesorting* que veio ordenar cronologicamente as actualizações de perfis, para os actualizadores estarem a par do “que há de novo”. “O que as pessoas faziam no Facebook era ver a informação respeitante aos outros. Estavam ávidas por saber novidades, que mudanças tinham ocorrido, o que mudara e ainda desconheciam” (Kirkpatrick, 2011: 231). Surgiu então a ideia de introduzir o *feed* de notícias, uma ferramenta para ajudar os utilizadores a encontrar a informação

---

<sup>9</sup> Artigo consultado no blog dedicado à tecnologia, o Technolog – Disponível em [http://technolog.msnbc.msn.com/\\_news/2011/09/20/7858250-one-third-of-years-digital-photos-are-on-facebook](http://technolog.msnbc.msn.com/_news/2011/09/20/7858250-one-third-of-years-digital-photos-are-on-facebook) (Acedido em Setembro 2011)

que pretendiam, todas as actualizações de perfil feitas pelos membros seriam tornadas públicas a quem a ele estivesse ligado. A reacção inicial não foi nada positiva, mas o Facebook manteve a ferramenta e melhorou alguns aspectos da política de privacidade. Algumas semanas depois as estatísticas mostravam que o *feed* notícias fazia com que as pessoas passassem mais tempo no site. (Kirkpatrick, 2011)

A 26 de Setembro o Facebook deu o passo definitivo rumo ao sucesso: abriu a rede social ao mundo. E o mundo aderiu em massa. Na segunda semana de Outubro a média diária de novos membros era de 50 mil. Hoje, mais de 800 milhões de pessoas estão no Facebook, sendo que 75 por cento dos utilizadores está fora dos Estados Unidos. Pouco mais de metade deste número tem a segunda rede social com mais utilizadores, a Qzone, maioritariamente implantada na China<sup>10</sup>. De acordo com as últimas estatísticas do Social Bakers, um site especializado na observação de dados estatísticos das redes sociais<sup>11</sup>, em Portugal há actualmente cerca de quatro milhões de utilizadores do Facebook. Estes utilizadores representam 37, 98 por cento da população total e 78, 89 por cento dos internautas. Um aumento significativo em relação ao estudo do WIP que em 2010 revelou uma percentagem de 39, 7 por cento de utilizadores do Facebook.

### **A “Geração Net”**

O conceito “geração Net” de Ross Mayfield adapta-se perfeitamente ao comportamento que os jovens de hoje têm em relação à Internet. Eles são a maior fatia dos utilizadores da Internet no mundo, sendo que em Portugal, como vimos, 63 por cento dos internautas tem entre 15 e 34 anos. Cresceram a saber o que ela é e procuram ao máximo explorar as suas potencialidades, sobretudo no que diz respeito ao social. Na verdade, “a ligação social em rede está ligada de uma forma singular aos hábitos culturais da Geração Net e fará parte do tecido social futuro” (Tapscott e

---

<sup>10</sup> Artigo consultado no site online do jornal Telegraph – Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/technology/google/8718580/The-ten-most-popular-social-networking-websites.html> (Acedido em Setembro 2011)

<sup>11</sup> Site de estatísticas das redes sociais Social Bakers– disponível em <http://www.socialbakers.com/facebook-statistics/portugal> (Acedido em Outubro de 2011)

Williams, 2006: 59). Gustavo Cardoso, sublinhando a importância dos media, em geral, enquanto agentes socializadores de referência, afirma que “os jovens, em especial aqueles mais socializados nas novas tecnologias, poderão constituir o pelotão da frente de uma nova cultura tecnossocial”. (2009: 11)

Sobre a importância que a Internet assume para estes jovens, Tapscott e Williams citam danah boyd, socióloga da Universidade de Berkeley: “os adultos controlam a casa, a escola, e a maior parte dos espaços de actividades. Os adolescentes recebem ordens sobre o local onde devem estar, o que devem fazer e como o devem fazer. Não têm controlo em casa e muitos adolescentes não encaram a casa como o seu espaço privado”. Daí que para os adolescentes de hoje “passar o tempo no Myspace significa reclamar espaço privado.” Referindo-se a esta comunidade virtual diz que é encarada pelos jovens como “um quarto com as portas fechadas. Excepto pelo facto de, no Myspace, poderem convidar mil amigos a entrar.” Estamos perante uma nova “cultura do quarto de dormir” em que este se torna o espaço privilegiado para os tempos de lazer e “onde se joga uma parte importante da conquista de liberdade e autonomia por parte das crianças e adolescentes” (Cardoso, 2009: 12).

Os dados do estudo de 2010 do WIP, que mostram que em Portugal 56, 4 por cento dos internautas têm perfil nas redes sociais online, revelam que o principal motivo para a utilização destes sites (apontado por 87, 6 por cento dos inquiridos) é possibilidade de manter contactos a distância. 84,1 afirma que entrou nas redes sociais por os amigos já terem perfil, por isso, 80 por cento indica que estes sites permitem fortalecer os laços offline, embora 77, 8 por cento dos utilizadores também quer conhecer novas pessoas.

De facto, a manutenção das relações que já existem offline é a tendência generalizada entre os jovens utilizadores das redes sociais. Manuel Castells é da opinião que as comunidades online “não existem isoladas das restantes formas de sociabilidade. Reforçam a tendência para “privatização da sociabilidade” – isto é, a reconstrução de redes sociais em torno do indivíduo, o desenvolvimento de comunidades pessoais, quer físicas, quer on-line” (2007: 470). Estas últimas palavras de Castells contradizem aquilo que inicialmente foi, de forma alarmante, anunciado: que a Internet iria conduzir a um isolamento do indivíduo, alienado do mundo real, que “fechado” no seu “mundo virtual” deixaria de interagir no mundo físico. A verdade é que a “interacção social na rede não parece ter, na generalidade, um efeito

directo sobre a configuração da vida quotidiana, para além de acrescentar a interacção on-line às relações sociais previamente existentes” (2001: 149).

Os resultados de uma investigação desenvolvida por um grupo de investigadores nos Estados Unidos aponta precisamente nesta direcção. Os novos media são ferramentas para construir “espaços de co-presença onde podem estabelecer um contacto continuo e leve que alterna fluidamente entre o contacto online e offline” (Ito et al, 2010: 38). Os investigadores concluíram que apesar do potencial dos media sociais para transformar as relações, os jovens encaram-nos como ferramentas para manter ligações pré-existentes. De facto, o estudo do WIP em Portugal revelou que 78,4 por cento dos utilizadores da Internet tem nos seus perfis online pessoas que conhece pessoalmente. Apenas 21, 6 por cento afirma afirmou estar maioritariamente relacionado com pessoas que não conhece no mundo offline.

Na obra *Hanging out, messing around and geeking out*, resultado da investigação acima referida, os autores defendem, que a juventude de hoje está em negociações no que toca a desenvolver conhecimento e identidade, tornar-se adulto, e a lutar pela autonomia exactamente como fizeram os seus antecessores. “As práticas dos adolescentes quando usam os media social são um espelho das que os académicos documentaram em outros locais onde os jovens se juntavam com os seus colegas. Tal como o fizeram em parques de estacionamento e centros comerciais, os jovens reúnem-se nos espaços das redes sociais com uma variedade de propósitos” (2010: 79).

Os autores distiguem três práticas dos jovens em rede: *hanging out*, *messing around* e *geeking out*. O primeiro refere-se ao estar online com os amigos, que vêem como ponto de referência prioritário para socializar e na construção da identidade, como prolongamento das actividades offline. Condicionados por restrições parentais, escola e actividades extra, conversam, trocam comentários, fotografias e músicas através das comunidades online. No entanto, preferiam poder fazê-lo juntos no mundo físico (Ito et al, 2010). Outra das actividades mais frequentes entre os jovens evidenciada pela investigação, é a pesquisa aleatória de informações ou de acordo com os seus interesses. O *messing around* são os jovens online em fóruns, sites e motores de busca que lhes “providenciam uma elevada quantidade de informação, que no entanto não requer conhecimentos especializados para se começar. Os jovens sentem-se autodidactas”. Esta autonomia “encoraja os jovens a tomar as rédeas dos seus processos de aprendizagem” (2010: 56). A terceira prática, o *geeking out*,

corresponde a actividades mais centradas, requerendo um envolvimento mais intenso e até tecnologicamente mais especializado, como os jogos online ou a participação em grupos de fãs.

O envolvimento com as redes sociais dos jovens de hoje é algo definitivamente importante para a sua construção enquanto seres sociais. Na mesma investigação danah boyd sublinha esta relevância ao relatar que “para muitos adolescentes de hoje, perder o acesso aos media social é o equivalente a perderem o seu universo social” (2010: 78). Esta afirmação levanta, no entanto, algumas questões sobre as ligações que os jovens acabam por ter entre si.

Uma das discussões sociológicas mais acesas no que toca às relações que se estabelecem na Internet é a fragilidade, ou não, dos laços que se criam. Sherry Turkle, directora da Initiative on Technology and Self do Massachusetts Institute of Technology, não tem uma visão tão optimista sobre as relações estabelecidas no mundo dos jovens em rede. Em *Alone Together* traça o retrato de uma juventude dependente dos media sociais, desde as redes sociais ao telemóvel, e ligada por laços fracos. “Quando estamos cercados por milhares de email's, textos e mensagens - mais do que as que podemos responder – as respostas tornam-se despersonalizadas. Da mesma forma, quando "tweetamos" ou respondemos a centenas de milhares de amigos no Facebook, tratamos os indivíduos como uma unidade. Amigos tornam-se fãs." Acrescenta, citando uma jovem entrevistada no âmbito da investigação que elaborou: “sinto que faço parte de algo maior, a Net, a Web. O mundo. Torna-se uma coisa para mim, da qual faço parte. E as pessoas também, deixo de as ver como indivíduos também, na verdade. Elas fazem parte desta coisa maior” (2011: 168).

O ritmo frenético de comunicação dos jovens da actualidade preocupa também a investigadora na medida em que “têm pouco tempo para se descobrirem, tempo para pensarem.” Turkle questiona se a construção da identidade não estará a ser posta em causa, uma vez que “o mundo das mensagens de resposta rápida não torna a auto-reflexão impossível, mas também não faz muito pouco para a cultivar. Quando as trocas são reformuladas para o pequeno ecrã e reduzidas aos emoticons, existem necessariamente simplificações” (2011:172). Afirma que na época em que vivemos “esperamos mais da tecnologia e menos uns dos outros. Isto coloca-nos no centro de uma tempestade perfeita. Assobardados, fomos atraídos por conexões que parecem acarretar poucos riscos e estão sempre a mão: amigos do Facebook, avatares, parceiros do chat IRC” (2011: 295).

Castells concorda que a Internet “é particularmente adequada ao desenvolvimento de múltiplos laços fracos.” Contudo, o sociólogo considera que a Internet tem a vantagem de permitir criar “laços fracos com estranhos, num padrão igualitário de interação, onde as características sociais influenciam menos os constrangimentos, ou mesmo os bloqueios, no processo comunicativo. Com efeito, quer online, quer offline, os laços fracos facilitam a ligação entre indivíduos com diferentes características sociais, logo expandindo a sociabilidade para além das fronteiras socialmente definidas de reconhecimento mútuo. Neste sentido, a Internet pode contribuir para expandir os vínculos sociais numa sociedade que parece estar em processo de rápida individualização e desresponsabilização cívica” (2007: 470).

Mas os jovens não vão à internet “apenas” para conhecer pessoas e se “entretêm”. Tapscott e Williams analisam a TaingITGlobal, “um dos melhores exemplos mundiais do modo como os jovens da Geração Net usam as tecnologias digitais para transformarem o mundo que os rodeia.” Trata-se de “uma plataforma para apoiar a colaboração entre os jovens em projectos de desenvolvimento, na compreensão e envolvimento nas questões, e na influência sobre os processos de tomada de decisão” (2006: 60). Hoje multiplicam-se este tipo de plataformas, reunindo os jovens à volta de questões sociais e políticas colocando-os a questionar e a agir. A ascensão das redes sociais online, com as suas características específicas, como por exemplo a facilidade de criar páginas de protesto no Facebook, veio trazer novos desenvolvimentos no que diz respeito à contribuição da Internet na construção de uma cidadania activa, sobretudo entre aqueles que são o objecto de análise do nosso trabalho, os jovens. Juntarem-se a uma causa ou criarem eles próprios uma ficou à distância de um clique.

### **Crise da participação cívica**

“Estão as culturas cívicas baseadas nas associações de indivíduos de características pluralistas e corporativistas a desaparecer?” (Bennett, 1998). É a esta questão, que classifica como o grande debate da actualidade, que Lance Bennett tenta responder no texto *The Uncivic Culture: communication, identity and the rise of lifestyle politics*, publicado em 1998.

Para esta reflexão, o investigador norte-americano analisa a evolução do associativismo ao longo das últimas décadas. Perante a observação de dados relativos

à associação dos cidadãos em grupos de interesse nos moldes tradicionais, Bennett mostra que este fenómeno está em declínio na sociedade norte-americana. A sua dúvida reside na correlação deste facto, ou não, com um afastamento do cidadão do espaço público.

Bennett concorda com a ideia de que a associação de indivíduos tem realmente vindo a diminuir em várias sociedades democráticas, particularmente nos EUA, e que este declínio está ligado a uma quebra na participação cívica. Rejeitando, no entanto, a ideia simplista proposta por alguns autores de que este fenómeno está ligado com o tempo despendido com a televisão, Lance Bennett defende que não está em causa o fim da cultura cívica, esta “apenas assumiu novas identidades e pode ser encontrada viva noutras comunidades”. Para Bennett não se trata portanto do fim destas culturas, mas sim de alterações nas formas tradicionais de participação cívica.

Para sustentar esta teoria, o investigador analisa os números da associação voluntária dos norte-americanos nos últimos anos. Segundo os dados, 60 por cento da população está ligada a projectos de voluntariado todos os anos, sendo grande parte mulheres. “Apesar do declínio da associação de indivíduos estes continuam a interrelacionar-se e a participar através do trabalho voluntário”, defende.

Como refere Bennett, a “deslocalização” gerou “ondas de choque” na segurança dos trabalhos o que, por sua vez provocou “disrupções na vida familiar, associações, papéis sociais e nos modos de vida”. As novas experiências laborais, marcadas pela instabilidade e precariedade, maior número de horas de trabalho e mais part-times, afectam sobretudo as gerações mais novas gerando nelas stress e ansiedade. Novas condições que levaram a um individualismo reinante. Assim a “vida política parece turbulenta porque muitos estão a tentar, sem sucesso, encontrar soluções para novos problemas pessoais” aos quais as instituições tradicionais não conseguem dar resposta, o que leva os cidadãos a afastarem-se delas. Como Bennett refere, “a energia psicológica dedicada a projectos de integração económica e construção da nação na era industrial é agora direccionada a projectos pessoais numa sociedade fragmentada”. Perante estas novas condições sociais o cidadão opta por novas organizações, mais informais, não duradouras e intermitentes mas mais flexíveis e adequadas aos novos estilos de vida, como é o caso do voluntariado.

Bennett concluiu assim que a razão da diminuição da confiança dos cidadãos nas instituições do governo prende-se com a noção de que estas já não satisfazem as suas necessidades na nova ordem económico-social. O autor defende que os cidadãos

continuam envolvidos civicamente com a política e com as suas comunidades, embora sob novas formas adaptadas aos actuais estilos de vida. Também Anthony Giddens considera um “erro” afirmar que as pessoas se desinteressaram pela política e que já não acreditam na democracia. Segundo refere, esta continua a ser a forma preferida de governo dos cidadãos para a esmagadora maioria dos cidadãos e que “além disso há sinais de que o interesse pela política está em crescimento, sendo, porém, canalizado para outras direcções e não para a política partidária ortodoxa” (2002: 435). Giddens advoga que hoje os cidadãos têm “pouca confiança nos seus representantes eleitos, concluindo que a política nacional tem pouco impacto nas suas vidas. Existe um cinismo crescente acerca de políticos que alegam ser capazes de prever ou controlar assuntos globais, que transcendem as fronteiras do Estado-Nação. Muitos cidadãos apercebem-se de que os políticos não têm capacidade para influenciar as mudanças que ocorrem a nível global, encarando assim com grande suspeita as suas proclamações de sucesso” (2002: 434).

Desiludidos com os governos e com as instituições tradicionais por sentirem que já não conseguem dar resposta aos seus novos problemas, os cidadãos estão, de facto, cada vez mais afastados desta política institucional. Como diz Daniel Bell, citado por Giddens, “o governo nacional é “demasiado pequeno para dar resposta às grandes questões”, tais como a influência da competição económica global ou a destruição do meio ambiente, mas tornou-se “demasiado grande para lidar com pequenas questões”, assuntos que afectam particularmente cidades ou regiões” (Giddens, 2007: 433). Em compensação mantêm o interesse e a preocupação nas questões que lhes estão mais próximas, nas que afectam a sua qualidade de vida e canalizam para aí as suas acções cívicas.

Na obra *O Poder da Identidade: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume II*, Manuel Castells, apresenta algumas alternativas para a reconstrução da democracia tendo em conta as novas tendências económicas e sociais. Uma delas é a recriação do “Estado Local” em que os governos regionais e locais passam a actuar em conjunto no sentido de uma maior descentralização e participação dos cidadãos, adiantando que “as mais poderosas tendências de legitimação da democracia, durante os anos 90, estão a ter lugar em todo o mundo, a nível local” (Castells, 2002: 494).

A exploração da comunicação electrónica é outra das alternativas apresentadas por Castells, como forma de “estimular as formas de participação política e

comunicação horizontal entre os cidadãos. Com efeito, o acesso online a informações e a comunicação mediada por computador facilitam a difusão e a localização de informações, proporcionando a interacção e a realização de debates em fóruns electrónicos independentes, capazes de escapar ao controlo dos media” (Castells, 2002). Um exemplo paradigmático das potencialidades dos novos meios tecnológicos foram as manifestações contra o antigo primeiro-ministro espanhol, José Maria Aznar, em 2004, convocadas espontaneamente por SMS e que juntaram centenas de pessoas.

De resto, os novos meios de comunicação electrónicos afiguram-se como o melhor instrumento para a necessária comunicação personalizada que as identidades individuais de hoje exigem. Como refere Dominique Wolton, pensar a comunicação no que ele designa de modelo da “sociedade individualista de massas”, é pensar a “massificação”, perceptível nos mercados da televisão, das redes, das novas técnicas de comunicação, como na construção de grandes museus ou de grandes exposições mundiais. É também pensar a “individualização” com os media electrónicos, a fragmentação do audiovisual e as promessas da Internet” (Wolton, 1999: 39).

## **O cidadão digital**

Assistimos no ano de 2011 à eclosão de um conjunto de mobilizações sociais nas quais a Internet e nomeadamente as redes sociais online tiveram um papel fulcral. A revolta do mundo árabe em que os jovens, organizados nas redes sociais saíram à rua e puseram fim a regimes não democráticos com décadas de existência, é o mais paradigmático, como veremos adiante.<sup>12</sup> Mas há muito que a Internet está a ser usada como ferramenta de activismo. A possibilidade que ela oferece ao receptor de ser também emissor, com um alcance global e instantâneo, conferem ao utilizador da Internet um maior controlo sobre a informação. “Os indivíduos ou grupos têm ao seu dispor um meio mais fácil e menos despendioso para trocarem informações numa base local, nacional ou global. (...) Não é, por isso, de espantar que, face à crise do Estado-Nação, da democracia e da participação política nas sociedades

---

<sup>12</sup> Site online do canal de televisão Al Jazeera – Disponível em <http://english.aljazeera.net/indepth/spotlight/2011/02/2011222121213770475.html> (Acedido em Junho 2011)

contemporâneas, que se olhe para a Internet como um possível contributo para minorar essa crise.” (Cardoso, 2003, 160).

De acordo com Manuel Castells, a era do activismo digital foi iniciada com o movimento Zapatista em Chiapas, no México, que apelida de “primeiro movimento de guerrilha informacional”. (O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) deu-se a conhecer ao mundo em 1994 contestando a participação do México no Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA). Na agenda têm a luta contra a modernização económica que gera exclusão e o capitalismo que acreditam não ser uma inevitabilidade. O movimento mobilizou multidões não só no México, mas por todo o mundo e um elemento essencial nesta estratégia foi o uso das telecomunicações, vídeos e comunicação via computador visando tanto difundir as suas mensagens de Chiapas para o mundo (embora essas mensagens provavelmente não tenham sido transmitidas da floresta), como organizar uma rede mundial de grupos de solidariedade que literalmente condicionaram as intenções repressivas do governo mexicano” (Castells, 2003: 97).

Na análise que faz da utilização da Internet pelos movimentos anti-globalização, Castells destaca ainda a chamada “batalha de Seattle” em 1999. Movimentos de vários tipos, desde associações de trabalhadores a organizações ambientalistas, mobilizaram-se através da Internet e reuniram-se aos milhões em protesto durante um encontro da Organização Mundial do Comércio (Castells, 2003). Esta é para Joss Hands uma das principais vantagens da Internet no que diz respeito ao activismo. Permite a grupos e organizações tomarem conhecimento da existência uns dos outros e possibilitar “graças à natureza sem escala das redes de distribuição” a partilha de objectivos. (2011). Crítico severo daquela que ele considera ser a nova ordem mundial, o tecnocapitalismo, este autor vê agora com a disseminação da Internet a possibilidade de contrariar esta tendência. “Ao pôr a tecnologia nas mãos das pessoas (...) o tecnocapitalismo está inadvertidamente a abrir-se a si próprio a um novo ciclo de democratização e um novo fluxo social, económico e político” (2011: 47).

*“Os movimentos sociais são formados pela comunicação de mensagens de raiva ou de esperança. A estrutura específica de comunicação de uma determinada sociedade molda em muito os movimentos sociais. Por outras palavras, os movimentos sociais e políticos, insurgentes ou não, aparecem e vivem no espaço público. O espaço público é o espaço de uma interação social, com significado onde as ideias e os valores são formados, partilhados, suportados e resistidos; espaço que eventualmente se torna num local para acção e reacção. Esta é a razão porque, ao longo da história, o controlo da comunicação socializada pelas autoridades ideológicas e políticas, e pelos mais ricos, foi uma fonte essencial do poder social”* (Castells, 2009: 301).

Quem tem acesso aos meios de comunicação detém o poder. A citação acima de Castells reflecte esta importância e reporta-nos para o modelo, até agora mais recente de comunicação, o da comunicação de massas. Os media tradicionais, televisão, rádio e imprensa, baseiam-se no princípio de um emissor para vários receptores, uma mensagem de um para muitos, daí a busca constante dos governos, do poder económico para controlar os meios de produção de informação. Com a generalização do uso da Internet, Manuel Castells defende que nos encontramos agora num sistema de “auto-comunicação de massas”. Temos agora “redes horizontais de comunicação” que escapam a mediação dos grandes meios de comunicação. “Do ponto de vista da democracia, podemos converter-nos em constantes críticos e defensores da democracia, se necessário organizando manifestações”.<sup>13</sup> Já em 2011, depois dos acontecimentos no Médio Oriente, numa entrevista concedida à CNN+ México, o sociólogo, sublinha a importância da ausência de controlo na Internet que, em situações extremas, pode conduzir à revolução. “Milhões de pessoas podem criar o seu conteúdo, receber conteúdos, organizarem-se e criar o debate desde questões sobre música até uma revolução.”<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Manuel Castells em entrevista concedida à comunidade online chilena “El Quinto Poder” em Junho de 2010 – Disponível em <http://www.elquintopoder.cl/fdd/web/medios-de-comunicacion/opinion/-/blogs/manuel-castells:-lo-local-es-lo-global> (Acedido em Setembro 2011)

<sup>14</sup> Manuel Castells entrevistado por Carmen Aristegui na CNN+ México – Disponível em [http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=sDGZHscJTtQ](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=sDGZHscJTtQ) (Acedido em Agosto 2011)

Zizi Papacharissi usa o termo “cidadão monitor” para descrever o cidadão dos nossos dias. Segundo a autora, ele observa, está vigilante e reage quando é necessário, ele “concebe o compromisso cívico contemporâneo como reactivo, em vez de conscientemente activo” (2010: 97). Papacharissi vê nas tecnologias relacionadas com a Internet a possibilidade de indivíduos e grupos “desafiarem a agenda política, ligar os governos aos cidadãos”, enfatizando as características interactivas. Esta nova forma de intervir na sociedade é feita, de acordo com Papacharissi, numa esfera privada que surge em alternativa à esfera pública de Jürgen Habermas. O criador do conceito esfera pública afirma (citado por Papacharissi, 2010: 115) que hoje esta está comprometida, ao se ter tornado o “veículo da hegemonia capitalista e reprodução ideológica.” e questiona a sua existência, defendendo que é melhor ser entendida como “metáfora”. Enquanto cidadãos digitais, a participação é feita a partir de um espaço privado e pessoal e o cidadão torna-se politicamente emancipado através da esfera privada da reflexão, expressão e comportamento” (2010: 134).

Esta esfera privada adequa-se às exigências das sociedades actuais, intercala-se com as rotinas diárias, que como vimos em cima é uma das razões que tem conduzido ao afastamento dos cidadãos da participação cívica activa. Estamos perante um modo específico de envolvimento cívico em que o activismo é “mais fluído”, em que as causas reflectem o individualismo reinante e as preferências de cada cidadão que com uma panóplia de questões à sua disposição apoia, participa naquele que mais se adequa à sua situação. “Esta personalização, adaptação aos gostos, do activismo é congruente com o *modus operandi* personalizável das tecnologias convergentes online, mas tem pouco em comum com os movimentos de activismo dos anos 60”, em que as causas defendidas eram comuns e transversais à sociedade (Papacharissi, 2010: 160).

Mas as diferenças não se resumem ao tipo de causas. Uma das características definidoras dos novos movimentos sociais com base na Internet é a ausência de um espaço e de temporalidade, ao contrário dos movimentos tradicionais. Estes novos movimentos tendem a tornar-se campanhas “permanentes” e “transaccionais”, prolongando-se no tempo e através das fronteiras geográficas e nacionais (Lievrouw, 2011).

É esta noção de activismo, informal, adaptado às experiências individuais, fluído, fomentado na esfera privada de cada um, que os jovens que integraram as culturais digitais na sua rotina diária estão a assimilar (Papacharissi, 2010).

## A “revolução 2.0”

*“Não nos conhecíamos, conhecemo-nos aqui”, diz Medo. “Organizámo-nos no Facebook e decidimos mudar o nosso futuro na rua. Esta é a revolução da juventude do 25 de Janeiro.”* (Coelho, 2011: 34)

Com o surgimento da Web 2.0 as características possibilitadoras do activismo digital sofreram um incremento. A interactividade, a liberdade dada ao utilizador para construir e desconstruir a informação foram exponenciadas. Se numa primeira fase do activismo digital se tratou de utilizar a Internet como ferramenta excelente para os movimentos sociais pré-existentes, como as Organizações Não-Governamentais, para a troca de ideias e concertação de acções entre indivíduos e entre grupos, nesta nova era acontece os grupos serem formados no seio da própria Internet. No início foram os blogs o espaço eleito para a troca de ideias, a manifestação de opiniões, no entanto os sites de redes sociais vieram ocupar o seu lugar. Dados estatísticos divulgados pelo Pew Internet Project<sup>15</sup> mostram que a criação de blogs entre adolescentes e jovens adultos, entre os 12 e os 17 e os 18 e 29 anos, decaiu de 28 por cento em 2006 para 14 e 15 por cento, respectivamente, em 2009 numa altura em que as redes sociais estavam a ganhar milhões de adeptos diariamente.

Os jovens enquanto principais utilizadores da Internet, que, como vimos anteriormente, são 63 por cento dos internautas em Portugal, têm um papel preponderante neste novo tipo de activismo online. Dominam melhor as ferramentas digitais que as gerações mais velhas e grande parte da sua vida social é realizada no espaço da Internet. Em 2011 o mundo conheceu o resultado desta ligação entre jovens e activismo nas redes sociais online com os acontecimentos marcantes que ocorreram em várias sociedades não democráticas do mundo árabe. Como sublinha Castells, “o controlo da comunicação e da informação é a base do poder em toda a história, se não há um controlo único, seja corporativo ou político, dessa

---

<sup>15</sup> Resumo do estudo *Teens, Social Networking, Mobile, Generations, Blogs, Web 2.0* conduzido pelo The Pew Research Center's Internet & American Life Project – Disponível em <http://www.pewinternet.org/Reports/2010/Social-Media-and-Young-Adults.aspx> (Acedido em Setembro de 2011)

comunicação e dessas redes de informação, então temos as condições materiais e culturais para construir uma democracia de baixo para cima.”<sup>16</sup>

O sociólogo diz que hoje os Estados “têm medo da Internet, porque perderam o controle da comunicação e da informação.” Se no modelo tradicional de comunicação de massas, a censura por parte dos governos em regimes ditatoriais era comum e fácil de realizar, o mesmo não se passa na Internet, onde “não se pode interferir. Pode-se fechar um servidor. Abre-se outro servidor.”<sup>17</sup> Foi o que aconteceu no Egito em Janeiro de 2011 quando milhares de egípcios saíram à rua para contestar o rumo do país e o então President Hosni Mubarak ordenou o encerramento do acesso à Internet. Formas alternativas de estabelecer ligações foram adoptadas, com ajuda também do Google que ofereceu outra via para as pessoas continuarem a enviar mensagens no Twitter.<sup>18</sup> Mubarak pretendia assim silenciar aquele que estava a ser o motor da revolta em curso. A 25 de Janeiro de 2011 os egípcios mobilizaram-se nas ruas não só da capital, Cairo, mas por todo o país e em outros pontos do mundo junto das embaixadas do Egito. A manifestação foi convocada pelo grupo *We Are All Khaled Said*, uma página do Facebook que surgiu como reacção à brutalidade e repressão policial no país, e que tomou como símbolo o exemplo do jovem Khaled Said que foi torturado até à morte por dois polícias em 2010.<sup>19</sup>

“Eu sabia que a página iria ter um papel importante numa mudança no Egito. Talvez não estivesse a pensar numa revolução, mas eu sabia que iria fazer a diferença quando vi pessoas que não tinham nada a ver com política e estavam a ir para a rua por alguém que não conheciam”<sup>20</sup>. A afirmação pertence a Khaled Kamel, um jovem egípcio de 21 anos que contribuiu, e continua a contribuir, com conteúdos

---

<sup>16</sup> Manuel Castells entrevistado por Carmen Aristegui na CNN+ México – Disponível em [http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=sDGZHscJTtQ](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=sDGZHscJTtQ) (Acedido em Agosto 2011)

<sup>17</sup> Manuell Castells em entrevista ao El País, 17 Novembro 2010, numa tradução para o site Culturadigital – Disponível em <http://culturadigital.br/conteudosdigitais/2010/07/12/a-internet-muda-os-paradigmas-da-relacao-entre-comunicacao-e-poder-entrevista-com-manuel-castells/>

<sup>18</sup> Artigo consultado no site online da agência de notícias Bloomberg – Disponível em <http://www.bloomberg.com/news/2011-02-02/egypt-returns-to-the-internet-after-protests-led-to-five-days-of-shutdown.html>

<sup>19</sup> Página do Facebook do movimento *We Are All Khaled Said*. A página consultada foi em inglês, feita em paralelo com a árabe – Disponível em <http://www.facebook.com/elshaheed.co.uk?sk=info>

<sup>20</sup> Ver em anexo entrevista a Khaled Kamel

audiovisuais para a a página do Facebook *We Are All Khaled Said*. Começou por tirar fotografias e fazer vídeos dos eventos produzidos pela página, sobretudo vigílias em homenagem a Khaled Said, e hoje prossegue este trabalho de mostrar o Egipto não só aos seus cidadãos, mas também ao mundo.

A vontade de agir surgiu quando Khaled Kamel percebeu que o investimento que fez na educação não o iriam beneficiar no futuro, num país a braços com pobreza, elevadas taxas de desemprego, corrupção política e governado por um presidente autocrático há 30 anos<sup>21</sup>. Sentiu que “tinha que ter um papel na mudança”, especialmente depois do incidente com Khaled Said. “Eu falava sobre o futuro e o que era preciso mudar no Egipto com os meus amigos, mas a maioria deles não acreditava que fosse possível uma mudança. Então comecei a escrever na Internet o que pensava e conheci novos amigos que acreditavam que o Egipto podia mudar.” Khaled Kamel sublinha a importância que as redes sociais online tiveram na revolta no Egipto, uma vez que “ninguém conseguia chegar até às pessoas através da televisão ou dos jornais” controlados pelo governo de Mubarak. (Anexo 1)

Há muito que o Egipto tentava terminar com a ditadura de Hosni Mubarak. Nos últimos anos foram surgindo vários grupos de protesto, como o Kifaya (em árabe, Basta), fundado em 2004 por intelectuais, ou o Movimento 6 de Abril, também com base no Facebook e que desde 2008 lutava pelos direitos dos trabalhadores, que acabaram por se juntar à organização da mobilização do povo egípcio. “Mas nenhum teve o impacto-dominó do grupo *We are All Khaled*” (Coelho, 2011: 36). Milhares de pessoas reuniram-se em torno da página do Facebook e incentivados por ela saíram à rua e protestaram durante 18 dias até Mubarak finalmente se demitir.<sup>22</sup> Acontecimentos a que o mundo assistiu via redes sociais, com vídeos a serem publicados quase ao minuto no Facebook e comentários a descrever a manifestação no espaço #!/Alshaheed@ do Twitter. Ficam aqui algumas das mensagens publicadas nesse dia na página do Facebook *We Are All Khaled Said*.

---

<sup>21</sup> Artigo consultado no site online do jornal Huffington Post – Disponível em [http://www.huffingtonpost.com/2011/01/28/whats-going-on-in-egypt\\_n\\_815734.html](http://www.huffingtonpost.com/2011/01/28/whats-going-on-in-egypt_n_815734.html)

<sup>22</sup> Artigo consultado no site online da cadeia de televisão CNN – Disponível em [http://articles.cnn.com/2011-02-11/world/egypt.protests\\_1\\_egyptian-president-hosni-mubarak-announcement-on-state-television-sharm?\\_s=PM:WORLD](http://articles.cnn.com/2011-02-11/world/egypt.protests_1_egyptian-president-hosni-mubarak-announcement-on-state-television-sharm?_s=PM:WORLD)

We are all Khaled Said

Photo from protest in Qina, Egypt now.

January 25 10:40am

We are all Khaled Said

Happening right now in Tahrir. Fresh new video for you. Have you invited all your friends to this page yet? I'm doing my best to report on things not a single media organization is showing. We need supporters to make our case global.

January 25 11:02am

O nome do administrador da *We All Are Khaled Said* só foi conhecido já as manifestações estavam a decorrer. Nascido no Cairo, Wael Ghonim de 30 anos, trabalha para a Google no Dubai. Por acreditar no poder do povo para a mudança lançou-se na aventura de chamar a atenção dos egípcios na página do Facebook. Por razões de segurança, procurou ocultar a sua identidade, mas quando esta foi revelada acabou por ser preso. Este facto contribuiu para que Wael Ghonim fosse visto como um herói pelos egípcios, mas não só. A revista norte-americana *Time* elegeu-o como uma das personalidades mais influentes do mundo do ano em 2011<sup>23</sup> e, juntamente com outros movimentos activistas da chamada Primavera Árabe, chegou a ser indicado para o Prémio Nobel da Paz da 2011.

Numa região em que 60 por cento da população tem menos de 30 anos, as aspirações de renovação por parte da juventude foram um factor decisivo.<sup>24</sup> Uma geração que Manuel Castells define como muito activa nas novas tecnologias de comunicação: 45 por cento da população do Egipto entre os 20 e 40 anos usam a Internet, um número que na capital Cairo e Alexandria chega aos 70 por cento. Jovens que são activos nos “centros nevrálgicos das sociedades nos grupos de

---

<sup>23</sup> Artigo consultado no site online da revista Time – Disponível em [http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2066367\\_2066369\\_2066437,00.html#ixzz1bNor5z5s](http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2066367_2066369_2066437,00.html#ixzz1bNor5z5s)

<sup>24</sup> Artigo consultado no site online da revista Time – Disponível em <http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,2050032,00.html>

mobilização que está na Internet e foi lá que “organizaram a ocupação do espaço público, numa ligação entre espaço virtual e o espaço físico e esta conexão é o que faz o efeito de luta.”<sup>25</sup>

A inspiração para a manifestação de 25 de Janeiro que acabaria por mudar o rumo do Egipto, veio dos acontecimentos que ocorreram na Tunísia nesse mesmo mês e que pôs fim ao regime de décadas de Zine el-Abidine Ben Ali. A imolação de um jovem, em Dezembro de 2010, depois da polícia ter confiscado a banca de frutas que garantia a sua subsistência despoletou uma onda de protestos.

Referendo-se a este processo revolucionário Castells traça um perfil dos acontecimentos, que é transversal ao Egipto e outros movimentos de revolta que entretanto se foram sucedendo no mundo árabe<sup>26</sup>: “um acontecimento dramático exalta a indignação contida pelo temor, suscita manifestações que são reprimidas pela polícia e de imediato as imagens de repressão difundem-se nas redes sociais da Internet, amplificando o movimento até que os meios de comunicação que não são controlados pelo governo – neste caso a Al Jazeera – retransmitem as imagens e as mensagens dos manifestantes no Youtube e outros sites. À medida que se difunde o protesto, activam-se as redes móveis, as SMS, os *tweets* e as páginas no Facebook e outras redes até se construir um sistema de comunicação e organização sem líderes, que funciona de forma muito eficaz ultrapassando a censura e a repressão.” O sociólogo diz que se pode falar numa “wikirevolução, ou seja, uma revolução cogerada sem estratégia central, apenas pela simples indignação de milhares de jovens dispostos a arriscar as suas vidas.”<sup>27</sup>

Num artigo publicado no The New York Times, o jornalista e analista político Roger Cohen, afirma que a revolução na Tunísia, designada por “Revolta do

---

<sup>25</sup> [http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=sDGZHscJTtQ](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=sDGZHscJTtQ)

<sup>26</sup> O efeito de contágio alastrou a vários países do Medio Oriente, como a Jordânia, Marrocos, Argélia, Iemen, Arábia Saudita, Síria e Líbia, em que os cidadãos saíram à rua para protestar contra os seus regimes também usando as redes sociais online como ferramentas para a mobilização. Em alguns casos, como Marrocos e Jordânia, os governos cederam em algumas questões reclamadas pelo povo, no entanto na Síria e na Líbia os confrontos prosseguem, já com elevado número de mortos. A grave situação da Líbia já levou inclusive à intervenção da NATO no país.

<sup>27</sup> Artigo de opinião de Manuel Castells, *La wikirrevolución del jazmín*, consultado no site online do jornal La Vanguardia – Disponível em <http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110129/54107291983/la-wikirrevolucion-del-jazmin.html> (Acedido em Julho 2011)

Jasmin”, terá sido a primeira no mundo sem líder. Sublinhando a importância do Facebook nos desenvolvimentos acrescenta que, a havê-lo, o líder é Mark Zuckerberg, o fundador do Facebook. “O seu veículo foi a juventude da Tunísia, capaz de usar o Facebook para comunicação instantânea e assim inspirar ciberneticamente os seus pais.”<sup>28</sup>

Wael Ghonim fala numa “revolução 2.0”, que “começou online, começou no Facebook”. No entanto, reconhece que há muito que estavam a ser desenvolvidas as raízes da revolução, fora do universo digital. Também Manuel Castells diz que a inspiração tunisina caiu no Egipto “em terreno fértil de lutas sociais, que no entanto eram selvaticamente reprimidas por Mubarak”. E foi aqui que as redes sociais fizeram a diferença ao ser convocada através delas a manifestação de 25 de Janeiro que permitiu que pessoas que não tinham nada a ver com nenhum movimento, se reconhecessem, recontrassem e juntem-se nas ruas e nas praças. É esta combinação de criar uma comunidade simbiótica entre o virtual, comunidade no Facebook – juntaram-se 60 mil pessoas em torno de comunidade numa tarde – e quando saem para rua e se tocam, convivem. Portanto não é a Internet, mas sem a Internet não teria acontecido este chamamento que logo se propagou.”<sup>29</sup>

Diferente opinião tem Evgeny Morozov que num artigo publicado no Guardian, *Facebook and Twitter are just places revolutionaries go*, defende que as “ferramentas digitais são simplesmente ferramentas” e que a mudança social continua a envolver muito sofrimento e esforços a longo prazo para se ligar com instituições políticas e movimentos reformadores.” Morozov acredita que as revoltas que ocorreram no Médio Oriente acabariam por acontecer mesmo sem ajuda da Internet. Isto devido à força das movimentações dos activistas em terreno físico e exemplifica um encontro que presenciou numa visita profissional ao Cairo entre bloggers, entusiastas da tecnologia e activistas tunisinos e egípcios. Critica ainda o

---

<sup>28</sup> Artigo consultado no site online do jornal The New York Times – Disponível em [http://www.nytimes.com/2011/01/25/opinion/25iht-edcohen25.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/2011/01/25/opinion/25iht-edcohen25.html?_r=1) (Acedido Junho 2011)

<sup>29</sup> Manuel Castells entrevistado por Carmen Aristegui na CNN+ México – Disponível em [http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=sDGZHscJTtQ](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=sDGZHscJTtQ) (Acedido em Agosto 2011)

ênfase que tem sido dado a esta questão, deixando de lado o debate sobre as razões que estiveram na origem dos acontecimentos que permitem perceber a história.<sup>30</sup>

Evgeny Morozov é de resto um crítico daqueles que ele apelida de ciber-utópicos. Na obra *The Net Dilusion – How Not to Liberate the World*, defende que a Internet pode estar mais ao serviço dos regimes do que dos cidadãos. “Os ciber-utópicos não conseguiram antecipar como os governos autoritários reponderiam à Internet, e não preveram como esta seria útil para propósitos de propaganda, como os ditadores aprenderiam a utilizá-la para vigilância, e quão sofisticados se tornariam os sistemas modernos de censura na Internet. Em vez disso, a maioria dos ciber-utópicos ficaram-se por uma visão populista de como a tecnologia dá poder às pessoas, que, oprimidas por regimes autoritários, se iriam inevitavelmente rebelar, mobilizando-se através de sms, Facebook, Twitter, e outra qualquer nova ferramenta que apareça no próximo ano” (2011: 14).

De facto, a Internet é alvo de censura em muitos países com regimes autoritários, sendo o caso mais paradigmático a China. Para além de bloquear de forma permanente vários sites desde jornais internacionais a organizações como a Amnistia Internacional, aquele país também não permite o acesso à maioria das redes sociais ocidentais, como o Facebook e o Twitter. Com recurso a firewalls, o governo de Hu Jintao, que criou um programa específico para fazer este controlo, definiu ainda um conjunto de palavras que são também bloqueadas, como por exemplo, Tibete, Dalai Lama, e mais recentemente, a palavra Egipto, na sequência da revolução que mudou o regime neste país. Em alternativa os utilizadores, que já são 500 milhões, têm à sua disposição redes locais que respeitam as leis vigentes no país, como o Renren, semelhante ao Facebook, o Youku, um canal de vídeos, e o Weibo, uma espécie de Twitter chinês.<sup>31</sup> Este é o site mais utilizado pela população chinesa que vê nele o espaço para a comunicação, ainda que também ele seja alvo da censura do governo. O sistema de censura na China é o mais “completo e sofisticado sistema

---

<sup>30</sup> Artigo consultado no site online do jornal The Guardian – Disponível em <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2011/mar/07/facebook-twitter-revolutionaries-cyber-utopians> (Acedido Junho 2011)

<sup>31</sup> Artigo consultado no site online Techtudo – Disponível em <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/10/mapa-ilustra-paises-que-mais-censuram-redes-sociais-no-mundo.html> (Acedido em Outubro 2011)

de censura do mundo” desenvolvido por um governo autocrático que “receia a velocidade a que a informação e os rumores se espalham na Internet e a que as pessoas se podem organizar”.<sup>32</sup>

Como vimos, em países com regimes autoritários a Internet pode ser o veículo que conduz a revoluções que procuram a democracia. Naqueles onde esta é já uma realidade, a Internet é hoje o palco privilegiado para manifestações de desagrado por situações que ponham em causa o bem estar dos cidadãos. A actual crise económica e financeira que assola o mundo tem gerado ondas de protesto um pouco por todo o mundo e as redes sociais têm desempenhado um papel crucial com os jovens a encabeçar o chamamento.

### **A crise e os jovens em protesto**

*“Para milhões de pessoas na Europa e América do Norte a crise económica que se desenrolou em 2008 abanou as fundações das suas vidas; de repente, emprego tornou-se incerto, o crédito tornou-se restrito a alguns, o consumo reduzido ao essencial. Os serviços sociais profundamente cortados, e uma nuvem negra paira sobre o futuro dos jovens, pondo em causa as altas expectativas para a próxima geração”.*<sup>33</sup>

Com o mundo imerso numa crise económica e financeira desde 2008, os jovens têm sido dos grupos mais atingidos, devido às elevadas taxas de desemprego. Dados do Eurostat mostram um crescimento acentuado do número de desempregados na faixa etária dos 15 aos 24 anos na generalidade dos países da União Europeia, sendo a Espanha o país que encabeça a lista com quase 45 por cento dos jovens no desemprego em 2011, um aumento de mais de 20 pontos percentuais em relação a

---

<sup>32</sup> Artigo consultado no site online do jornal The Guardian – Disponível em <http://www.guardian.co.uk/technology/2010/mar/23/google-hong-kong-china-censorship> (Acedido Agosto 2011)

<sup>33</sup> Depoimento de Manuel Castells no evento Aftermath of a Crisis realizado em Lisboa. No pós-crise de 2008 um grupo multidisciplinar de intelectuais decidiu reunir-se todos os anos em Lisboa para debater as consequências sociais e culturais da crise económica. – Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=0prRhKIIenQ&feature=related> (Acedido Outubro 2011)

2008.<sup>34</sup> Não é por isso de espantar que a juventude espanhola esteja no pelotão da frente da contestação ao actual modelo económico e político. O ponto alto foi a manifestação de 15 de Maio de 2011 convocada pelo movimento *Democracia Real Ya* que conjuntamente com outros movimentos, como o *Juventud Sin futuro* ou a *Plataforma de Afectados por la Hipoteca*, reuniram centenas de jovens em várias cidades de toda a Espanha.

Instigados pelas medidas de austeridade a serem desenvolvidas pelos governo para controlar o défice público, que vêm como “reformas anti-sociais”, “desempregados, mal remunerados, contratados precários e hipotecados” encheram as ruas de Espanha para reclamar uma “mudança de rumo e um futuro digno”.<sup>35</sup> O movimento incentivador *Democracia Real Ya* surgiu no início do ano de 2011 no seio das redes sociais virtuais e acabou por se trasnpor para o mundo físico com assembleias e manifestações. Um membro de um dos movimentos que compuseram a plataforma organizativa ilustra em declarações ao El País a importância das redes sociais online na convocação para manifestação de 15 de Maio: “no início criou-se um grupo de coordenação no Facebook onde se fez as gestão dos vários espaços para a reunião. Usamos a Internet como ferramenta para ter voz.” Outro elemento do movimento acrescenta que este é “o começo da participação cívica que estávamos à espera desde que começou a crise”.<sup>36</sup>

Sobre o movimento, que passou a ser conhecido como os *indignados*, Manuel Castells diz que este “começou com uma grande premissa: o mais importante é mudar as instituições polítias que não nos representam”. Esta é uma “sensação avassaladora” que, defende, atravessa a opinião pública actualmente na Europa e nos Estados Unidos, com os cidadãos a sentirem-se “impotentes” com este vazio de representação. O sociólogo demonstra o poder das redes sociais online para

---

<sup>34</sup> Artigo consultado no site online da revista The Economist – Disponível em <http://www.economist.com/blogs/dailychart/2011/07/youth-unemployment> (Acedido em Setembro 2011)

<sup>35</sup> Artigo consultado no site online do jornal El País – Disponível em [http://www.elpais.com/articulo/espana/manifestacion/indignados/reune/varios/miles/personas/toda/Espana/elpepuesp/20110515elpepunac\\_12/Tes](http://www.elpais.com/articulo/espana/manifestacion/indignados/reune/varios/miles/personas/toda/Espana/elpepuesp/20110515elpepunac_12/Tes) (Acedido Setembro 2011)

<sup>36</sup> Artigo consultado no site online do jornal El País – Disponível em [http://www.elpais.com/articulo/sociedad/necesario/sociedad/civil/tenga/voz/propia/elpepuesp/20110511elpepusoc\\_6/Tes](http://www.elpais.com/articulo/sociedad/necesario/sociedad/civil/tenga/voz/propia/elpepuesp/20110511elpepusoc_6/Tes) (Acedido Setembro 2011)

mobilizar os jovens e os trazer para o as ruas ao descrever o momento pós-manifestação de 15 de Maio quando “algumas pessoas, umas 20 ou 30 decidiram acampar nas ruas principais das cidades para discutir sobre o que fazer. Ok protestamos, e agora? Encontraram-se a dormir lá a discutir a noite toda e começaram a enviar mensagens por Twitter aos amigos, e assim no dia seguinte não eram dezenas eram centenas que continuaram a a enviar mensagens no Twitter e no dia seguinte não eram centenas eram milhares e assim continuou.”<sup>37</sup>

A capacidade “viral” das redes sociais em passar informações, como refere Castells referido-se à facilidade com que uma organização espalha as suas mensagens através da Internet, que também encoraja os participantes a participar na difusão (2009), originou a disseminação do movimento *Real DemocraciaYa* pela Europa. Manifestações despontaram em países a braços com problemas semelhantes aos da juventude espanhola, como a Grécia, mergulhada numa profunda crise, que tem sido palco de vários protestos e onde as redes sociais têm-se mostrado uma ferramenta fundamental,<sup>38</sup> e Portugal.

#### *Portugal à rasca*

*“Somos a geração com o maior nível de formação na história do país. Por isso, não nos deixamos abater pelo cansaço, nem pela frustração, nem pela falta de perspectivas. Acreditamos que temos os recursos e as ferramentas para dar um futuro melhor a nós mesmos e a Portugal. Não protestamos contra as outras gerações. Apenas não estamos, nem queremos estar à espera que os problemas se resolvam. Protestamos por uma solução e queremos ser parte dela.”*  
*(Manifesto do movimento Protesto da Geração à Rasca)*<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> Depoimento de Manuel Castells no evento Aftermath of a Crisis – Disponível em

<http://www.youtube.com/watch?v=0prRhKIIenQ&feature=related> (Acedido em Outubro 2011)

<sup>38</sup> Artigo da Agence France-Press – Disponível em

[http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5gBR7dViAscN\\_WabhcTZFwXjS10Nw?docId=CNG.1c5998af0bfcc03deb5d1c5ed5873053.251](http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5gBR7dViAscN_WabhcTZFwXjS10Nw?docId=CNG.1c5998af0bfcc03deb5d1c5ed5873053.251) (Acedido em Setembro 2011)

<sup>39</sup> Manifesto do Protesto Geração à Rasca – Disponível em

<http://geracaoenrascada.wordpress.com/manifesto/portugues/> (Acedido em Junho 2011)

As razões que os movem são semelhantes. Fortemente afectado pela crise económica e financeira global, Portugal assiste a uma deterioração das condições de vida dos jovens ilustrada pela percentagem de 27 por cento de desemprego entre esta geração em 2011.<sup>40</sup> Inspirados pelo entusiasmo do público durante um concerto do grupo musical Deolinda, aquando da música “Que parva que eu sou” que retrata uma geração sem perspectivas, mas acomodada, um grupo de amigos criou no Facebook o *Protesto da Geração à Rasca*. A página, que apelava a uma manifestação no dia 12 de Março, teve impacto imediato. “Rapidamente alcançámos mais de três mil pessoas a dizerem que queriam manifestar-se, que andavam a esconder a sua precariedade há tempo demais”, refere Paula Gil, uma das fundadoras do movimento<sup>41</sup>. No dia 12 de Março entre 200 a 300 mil pessoas desfilaram pelas ruas de Lisboa a reclamar mudanças na política económica e social do governo.<sup>42</sup> Paula Gil chama-lhe o protesto do “do it yourself”, permitido pelo Facebook que entende como uma “forma de chegar mais facilmente a outras pessoas, sem ter uma estrutura, um partido ou um sindicato. É gratuito e simples chegar a um maior número de pessoas possível no menor tempo possível.” Não deixa, no entanto, de notar a importância que ainda têm os media tradicionais para fazer passar a mensagem. Para além da página no Facebook, o movimento tem uma conta no Twitter, no Youtube, e um site também constantemente actualizado. Para Paula Gil o Facebook, e outras redes sociais, são mais um “instrumento” à disposição de quem quer participar activamente na sociedade, não o considerando de forma radical como uma “nova forma de fazer política. (Anexo 2)

Do protesto saiu o Movimento 12M (M12M), porque havia a “vontade de continuar a fazer algo”. O movimento resume-se a um núcleo de oito pessoas, amigos, que se encontram todas as semanas, trocam ideias e as levam não só para a página do Facebook, mas também para o Twitter, o site e para o canal do Youtube. Mas é sobretudo na página do Facebook que o diálogo acontece: “há muita gente que

---

<sup>40</sup> Artigo consultado no site online da revista The Economist – Disponível em <http://www.economist.com/blogs/dailychart/2011/07/youth-unemployment> (Acedido em Setembro 2011)

<sup>41</sup> Ver em anexo entrevista a Paula Gil

<sup>42</sup> Artigo consultado no site online do Jornal de Negócios – Disponível em [http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS\\_V2&id=472989](http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=472989) (Acedido em Setembro 2011)

se identifica com aquilo que nós escrevemos, com aquilo que nós publicamos, mas também há bastantes críticas e é isso que torna a página rica.” (Anexo 2)

De uma análise empírica às mensagens publicadas pelo movimento na página do Facebook<sup>43</sup>, concluímos que uma larga maioria consiste em links para notícias sobre a actualidade política e conómica do país que são depois comentadas e partilhadas por quem visita a página.

12M - Movimento 12 de Março:

"Significa que terão de sair anualmente da administração central do Estado cerca de dez mil trabalhadores"

Link: [Governo vai duplicar saídas de pessoal da Função Pública | Económico](#)

31 August at 11:36

Exemplo de comentário:

Francisco Venes: Bastaria que dispensassem metade dos mais recentes nomeados e poupariam o mesmo que despedindo milhares de trabalhadores que são necessários ao Estado. 31 August at 15:53

Outra das actividades mais frequentes na página do M12M é a publicitação de iniciativas do próprio movimento, verificando-se uma relevante interactividade com os visitantes da página.

M12M - Movimento 12 de Março

O objectivo: Fazer com que a chanceler da Alemanha estude a história do país e as “implicações que este tipo de afirmações bélicas tiveram no passado”.

Link: [Movimento 12 de Março quer enviar uma enciclopédia a Angela Merkel](#)

Economia - Jornal de Negócios

Exemplo de comentários:

Hugo Dos Santos: Podem disponibilizar o comunicado para eu difundir aqui em França ? 27 September at 17:20

---

<sup>43</sup> Página do Facebook do Movimento de 12 de Março – Disponível em <http://www.facebook.com/movimento12m>

A publicação de links para actividades de outros movimentos, também de formação recente e com forte expressão na Internet, como os Precários Inflexíveis e o Portugal Uncut, é também praticada com alguma frequência na página. A partir de Agosto de 2011 a convocação para uma manifestação global a ocorrer a 15 de Outubro<sup>44</sup> passou a ser uma das actividades mais intensas do site.

### *Activismo em rede em Portugal*

Para tentar perceber qual a tendência entre os jovens portugueses para as questões desenvolvidas neste trabalho elaborámos uma breve auscultação. Foram efectuados 100 inquéritos recolhidos através da Internet. Os inquéritos foram respondidos por indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e 37 anos. Cientes das limitações relativas à dimensão da amostra, chegámos às seguintes conclusões:

- 94 por cento dos inquiridos utiliza as redes sociais online todos os dias;
- a maioria, 70 por cento, usa as redes sociais para se actualizar em termos de informação noticiosa; logo atrás vem a visualização de perfis e actualização de perfis com 68 por cento de respostas;
- 30 por cento dos inquiridos afirmou já ter aderido a páginas de discussão/contestação em redes sociais;
- 42 por cento já participou em eventos de discussão/contestação cuja existência teve conhecimento através das redes sociais.

As questões apresentadas e as respostas correspondentes podem ser consultadas no anexo 3.

---

<sup>44</sup> A ideia de uma manifestação a nível mundial a 15 de Outubro saiu dos debates realizados em Madrid pelos jovens acampados. Foram estabelecidos contactos entre várias plataformas de movimentos sociais por todo o mundo. Em Portugal, o M12M juntou-se a outros movimentos que formaram uma plataforma para organizar especificamente o protesto de 15 de Outubro. (Ver anexo 2)

## O caminho das redes sociais online

Malcom Gladwell fez correr rios de tinta com o artigo *Why the revolution will not be tweeted*<sup>45</sup> publicado na revista *The New Yorker* em Outubro de 2010. O jornalista questionou a relevância que vinha a ser dada às redes sociais online como fundamentais num novo tipo de activismo. Gladwell defendeu que as relações nas redes sociais são ligadas por laços fracos, por isso o activismo em rede nunca terá força suficiente, a força dos movimentos de defesa dos direitos civis dos anos 60, por exemplo. Sublinhou que a própria estrutura dos movimentos sociais com base nestas redes e o facto de as pessoas não se conhecerem implica que não há a afinidade necessária para a verdadeira acção e a ausência de uma liderança definida, o que também torna estes movimentos frágeis. Já em 2011, depois das revoltas tunisina e egípcia, Gladwell afirmou: “Por favor. As pessoas protestaram e derrubaram governos antes do Facebook ser inventado. Fizeram-no antes da Internet surgir. (...) Pessoas com reclamações irão sempre encontrar formas de comunicar umas com as outras. Como escolhem fazer isso é menos interessante, no final, do que o o que as conduziu a isso.”<sup>46</sup>

O que para Malcom Gladwell é a “fragilidade” dos movimentos sociais, para Zizi Papacharissi é flexibilidade. Como vimos, a autora fala numa esfera privada onde o cidadão de hoje intervém que “se adequa às modalidades contemporâneas de cidadania (...) compatível com os “valores de individualismo, autonomia, e auto-expressão que prevalecem nas democracias da modernidade tardia das sociedades desenvolvidas” (2010: 134). Esta perspectiva vai de encontro à teoria de Lance Bennett que defende que o mundo não está, exactamente, perante uma crise de cidadania. Há um descrédito nas instituições, políticas e económicas, por isso o exercício da cidadania tem-se transferido para questões mais sociais, a que os indivíduos se ligam directamente, o que tem sido feito, sobretudo, usando a Internet como plataforma de intervenção.

---

<sup>45</sup> Artigo consultado no site online da revista *The New Yorker* – Disponível em [http://www.newyorker.com/reporting/2010/10/04/101004fa\\_fact\\_gladwell?currentPage=1](http://www.newyorker.com/reporting/2010/10/04/101004fa_fact_gladwell?currentPage=1) (Acedido em Setembro 2011)

<sup>46</sup> Artigo consultado no site online da revista *The New Yorker* – Disponível em <http://www.newyorker.com/online/blogs/newsdesk/2011/02/does-egypt-need-twitter.html#ixzz1bcitUVvY> (Acedido Setembro 2011)

A grande discussão que tem vindo a ser desenvolvida vai no sentido de perceber se a Primavera Árabe teria acontecido, ou estaria a acontecer, sem o papel desempenhado pelas redes sociais. Manuel Castells defende que sem a Internet não seria possível. Uma ideia partilhada por Wael Ghonim, o criador da página do Facebook *We Are All Khaled Said*, que convocou a sociedade civil egípcia a sair à rua no dia 25 de Janeiro de 2011, o início das manifestações que puseram fim a décadas de um regime autoritário, disse mais tarde em entrevista à CNN “se quiseres libertar um governo, dá-lhes a Internet.”<sup>47</sup> Na entrevista realizada a um dos actores da revolta egípcia podemos também constatar a importância das redes nesta revolução: foi através dela que Khaled Kamel chegou a outros jovens que como ele acreditavam numa mudança e foi nela que fez passar imagens que chegaram a milhares de egípcios com a mensagem de que era necessário agir. Ao ver assim expressas as reclamações que foram acumulando ao longo de anos de repressão por um governo autoritário, o sentimento de revolta foi crescendo no seio da sociedade civil do Egipto que se sentiu *empowered* (expressão de Castells que achamos que melhor se adequa não encontrando correspondente com a carga simbólica da palavra inglesa) para vir para rua e mudar um regime com décadas. Manuel Castells resume: “o que ocorre aqui não se controla, não se controla o conteúdo. Milhões de pessoas podem criar o seu conteúdo, receber conteúdos, organizarem-se.” Por isso, “no mundo árabe tínhamos situações consideradas inamovíveis e de repente a sociedade civil, os jovens organizam-se pela Internet” fazem a mudança acontecer.<sup>48</sup>

A ideia de que os laços criados na Internet são fracos, defendida por autores como Malcom Gladwell como vimos em cima, foi desmistificada neste trabalho, sobretudo a partir do estudo de um conjunto de investigadores norte-americanos, que concluiu que as práticas dos jovens nas redes sociais são uma continuação das actividades do mundo offline (Ito et al, 2009). Sendo que a maioria dos amigos que os jovens têm nas suas contas de redes sociais online são os mesmos da vida real, há, no entanto, um conjunto de “amigos” que se vai coleccionando. E se com muitos a

---

<sup>47</sup> Artigo consultado no site online do jornal Los Angeles Times – Disponível em <http://latimesblogs.latimes.com/technology/2011/02/google-exec-wael-ghonim-in-egypt-says-long-live-the-revolution-20.html> (Acedido em Junho 2011)

<sup>48</sup> Manuel Castells em entrevista concedida à comunidade online chilena “El Quinto Poder” em Junho de 2010 – Disponível em <http://www.elquintopoder.cl/fdd/web/medios-de-comunicacion/opinion/-/blogs/manuel-castells:-lo-local-es-lo-global> (Acedido em Setembro 2011)

relação que se mantém fica-se pelo campo do social, esta abertura pode permitir a ligação que Manuel Castells diz poder “contribuir para expandir os vínculos sociais numa sociedade que parece estar em processo de rápida individualização e desresponsabilização cívica” (2007: 470).

Com a breve auscultação que realizámos, concluímos que 94 por cento dos inquiridos utiliza redes sociais online todos os dias. A amostra composta por jovens, que se procurou que fosse o mais abrangente possível, daí as idades variarem entre os 18 e os 37 anos, ilustra a tendência contínua de crescimento destas redes. O facto de 42 por cento dos indivíduos já ter participado em eventos de discussão/contestação cuja existência teve conhecimento através das redes sociais é, também, revelador do papel importante que estas redes têm vindo a desempenhar na disseminação de mensagens.

Na verdade, para Paula Gil, uma das fundadoras do Movimento 12M, esta capacidade de passar mensagens a mais pessoas é a grande vantagem das redes sociais para o na sua vertente activista. Exemplo disso foi o número de pessoas presentes na manifestação da Geração à Rasca a 12 de Março, das maiores alguma vez realizadas no país, depois de ter sido convocada a partir de uma página do Facebook. Milhares de pessoas reclamaram alterações nas políticas cada vez mais austeras com o arrastar da crise económica e financeira iniciada em 2008. Uniram-se em torno da página *Protesto da Geração à Rasca* e num exercício simples de cliques repetidos para partilha da ideia transformaram a página num catalisador de frustrações acumuladas nos últimos anos.

E esta é uma tendência mundial, como vimos, com jovens a criar páginas de debate em redes sociais que depois mobilizam para acções no espaço físico. Para Manuel Castells, reflectindo sobre o movimento designado por *indignados* com forte expressão em Espanha, mas que é transversal a vários países sendo constituído pelos jovens marginalizados pelo sistema, trata-se de “um novo começo, este é o rescaldo. O rescaldo da crise não é só a devastação social, a crise política, não é so a Gécia ir abaixo; é também o rescaldo da reconexão entre a sociedade e o sistema político.” O sociólogo acredita que estamos perante um momento histórico, em que depois da época de descrença total no sistema político, vamos atravessar um período de transição para a reconstrução das instituições. “O que as pessoas no movimento estão a pensar nesta altura é: vamos manter-nos juntos, vamos confiar uns nos outros. Estamos juntos e criamos uma nova cultura económica baseada na confiança,

respeito, tolerância e união e a partir daqui podemos esperar porque não precisamos das instituições para salvarem as nossas vidas, nós salvamo-nos a nós próprios.”<sup>49</sup>

Já em Setembro de 2011 um grupo de jovens ocupou o espaço público em frente à bolsa de Nova Iorque. O movimento Occupy Wall Street surgiu para contestar o actual modelo económico que consideram esgotado pelas injustiças sociais que gera e por isso escolheram simbolicamente Wall Street. No site criado pelo movimento dizem-se “inspirados pelas revoltas no Egipto e Tunísia” e como objectivo têm “expôr como os mais ricos, que correspondem a 1% das pessoas [nos Estados Unidos], estão a escrever as regras de uma economia global injusta que põem em causa o nosso futuro”.<sup>50</sup> Um protesto que dura há semanas e que cada dia que passa reúne mais pessoas em Nova Iorque, mas também em outras cidades norte-americanas. A mensagem é mais uma vez disseminada pelas redes sociais com páginas no Facebook e no Twitter a reproduzirem-se no ciberespaço.<sup>51</sup>

As redes sociais online são “o como” de Malcom Gladwell dos acontecimentos de 2011. Mas são também “o que”. A vontade colectiva é a premissa base para a mobilização, como defende Joss Hands (2011), e há muito que, por exemplo, nos países árabes se procurava a mudança. Mas ela aconteceu agora e foi nas redes sociais, porque elas permitiram a liberdade que não existia nos media tradicionais e chegar a um maior número de pessoas, contudo de forma individualizada. É no perfil de cada um, considerado o seu espaço, que as mensagens chegam e assim, quase que personalizadas, elas têm muito mais impacto. Os media tradicionais continuam a desempenhar, contudo, um papel muito importante ao tornarem as questões realmente mediáticas. No caso do Egipto foi importante o papel da Al Jazeera, que chegou aqueles que não estavam nas redes sociais e que só ao verem as imagens e a força das manifestações decidiram sair também.

Os jovens vivem, como vimos, parte da sua vida online e é lá que também podem exercer uma parte importante da sua cidadania. Para já não subsistem as

---

<sup>49</sup> Depoimento de Manuel Castells no evento Aftermath of a Crisis – Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=0prRhKIlEnQ&feature=related> (Acedido em Outubro 2011)

<sup>50</sup> Site online do protesto Occupy Wall Street – Disponível em <http://occupywallst.org/about/> (Acedido em Outubro 2011)

<sup>51</sup> Artigo consultado no site online do jornal The New York Times – Disponível em <http://www.nytimes.com/2011/10/09/nyregion/wall-street-protest-spurs-online-conversation.html> (Acedido em Outubro 2011)

mobilizações no espaço físico, e ainda dependem da atenção dada pelos media tradicionais, mas tendo em conta a novidade do processo, quer da participação quer das próprias redes sociais cujo desenvolvimento está ainda em curso, o futuro está em aberto. Evgeny Morozov receia que os governos ocupem também o espaço da Internet e, assim, este deixe de ser livre para o cidadão. De facto, os políticos já despertaram para as potencialidades das redes sociais e já as usam para espalhar a sua mensagem. O caso paradigmático foi a eleição de Barack Obama em 2008 que usou amplamente as redes sociais chegando assim aos jovens que votaram em massa. (Castells, 2009)

No entanto, o controlo na Internet é difícil de fazer. Mesmo em países onde a censura é bem definida e avançada, como a China com os seus *firewalls*, as mensagens acabam por passar, todos os dias surgem formas de contornar a tecnologia que censura e “mesmo que detenham o mensageiro, a mensagem chega”. Segundo Castells, a questão da China é que “os chineses não se importam com a política”, a sua “grande necessidade” é simplesmente comunicar.<sup>52</sup>

Mas para além de servirem para contestar governos e políticas de governos, as redes sociais também podem permitir para religar os cidadãos às suas instituições. Em 2011 a Islândia, no rescaldo da crise de 2008 que afectou gravemente o país, decidiu criar uma nova constituição com a participação de todos através das redes sociais online. Um rascunho do documento estava disponível e podia ser visualizado e comentado por todos, um momento histórico e muito próximo do ideal da democracia directa.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> Manuel Castells entrevistado por Carmen Aristegui na CNN+ México – Disponível em [http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=sDGZHscJTtQ](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=sDGZHscJTtQ) (Acedido em Agosto 2011)

<sup>53</sup> Artigo consultado no site online do jornal Público – Disponível em [http://www.publico.pt/Mundo/islandia-esta-a-preparar-nova-constituicao-com-a-ajuda-das-redes-sociais\\_1500806](http://www.publico.pt/Mundo/islandia-esta-a-preparar-nova-constituicao-com-a-ajuda-das-redes-sociais_1500806) (Acedido em Outubro 2011)

## **Referências bibliográficas**

- Cardoso, Gustavo.** 1998. *Para uma sociologia do Ciberespaço*. Oeiras: Celta
- Cardoso, Gustavo.** 2003. *O que é a Internet*. Lisboa: Quimera
- Cardoso, et al.** 2005. *A Sociedade em rede em Portugal*. Campo das Letras
- Cardoso, Gustavo, Espanha, Rita e Lapa, Tiago** 2009. *Do quarto de dormir para o mundo, Jovens e media em Portugal*. Lisboa: Âncora.
- Castells, Manuel.** 2001. *Galáxia Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Castells, Manuel.** 2002. *O Poder da Identidade: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Castells, Manuel.** 2007. *A sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Castells, Manuel.** 2009. *Communication Power*. New York: Oxford University Press
- Coelho, Alexandra Lucas.** 2011. *Tahrir – Os dias da revolução*. Lisboa: Tinta da China
- Eco, Umberto.** 2010. *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Queluz: Presença
- Giddens, Anthony.** 2007. *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,
- Hands, Joss.** 2010. *@ Is For Activism: Dissent, Resistance And Rebellion In A Digital Culture*. Pluto Press
- Harvey, Pierre-Leonard.** 2002. *Ciberespaço e cosmunática*. Lisboa: Instituto Piaget
- Jones, Steve.** 1998. *Cybersociety 2.0*. Londres: Sage

**Kirkpatrick**, David. 2011. *O Efeito Facebook*. Lisboa: Arcádia

**Ito**, Mizuko, et al. 2009. *Hanging Out Messing Around & Geeking Out: Kids Living And Learning With New Media*. MIT Press LTD

**Lievrouw**, Leah A. 2011. *Alternative and Activist New Media*. Polity Press

**Morozov**, Evgeny. 2011. *The Net Delusion: How not to liberate the world*. Allen Lane

**Papacharissi**, Zizi A. 2010. *A Private Sphere: Democracy in a digital age*. Polity Press

**Quivy**, Raymond e **Campenhoudt**, 2005. LucVan, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

**Reis**, Felipa Lopes dos, 2010. *Como elaborar uma dissertação de mestrado segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor

**Rogeiro**, Nuno. 2011. *Na Rua Árabe*. Lisboa: D. Quixote

**Tapscott**, Don e **Williams**, Anthony D. 2006. *Wikinomics*. Lisboa: Quidnovi

**Turkle**, Sherry. 2011. *Alone Together: Why We Expect More From Technology And Less From Each Other*. The Perseus Books Group

### **Documentos Online**

**Bennett**, Lance. 1998. *The UnCivic Culture: Communication, Identity, and the Rise of Lifestyle Politics*, Political Science and Politics Vol. 31, No. 4 Disponível em <http://links.jstor.org/sici?sici=10490965%28199812%2931%3A4%3C740%3A1IDS PL%3E2.0.CO%3B2-V> (Acedido Fevereiro 2011)

**boyd, d. m., & Ellison, N. B.** 2007. *Social network sites: Definition, history, and scholarship*. *Journal of Computer-Mediated Communication*. 13(1), article 11. Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html> (Acedido Junho 2011)

**Castells, Manuel.** 2011. *El Poder De Las Redes Sociales*. CNN+ México. Entrevista concedida a Carmen Aristegui. Disponível em [http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_detailpage&v=sDGZHscJTtQ](http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=sDGZHscJTtQ) (Acedido em Agosto 2011)

**Castells, Manuel.** 2010. Lo local es global. Entrevista concedida à comunidade online chilena “El Quinto Poder” – Disponível em <http://www.elquintopoder.cl/fdd/web/medios-de-comunicacion/opinion/-/blogs/manuel-castells:-lo-local-es-lo-global> (Acedido em Setembro 2011)

**Castells, Manuel.** 2011. *Aftermath of a crisis*. Depoimento disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=0prRhKIlleQ&feature=related> (Acedido em Outubro 2011)

**Cardoso, Gustavo e Lamy, Cláudia.** 2011. *Redes sociais: comunicação e mudança*. JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol. 2, N.º 1, Spring 2011. Disponível em [observare.ual.pt/janus.net/en\\_vol2\\_n1\\_art6](http://observare.ual.pt/janus.net/en_vol2_n1_art6). (Acedido em Julho 2011)

**Recuero, Raquel da Cunha,** 2003. *Comunidades virtuais – uma abordagem teórica –* Disponível Online [bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf](http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf) (Acedido em Outubro 2010)

**Vários.** 2010. *A utilização da Internet em Portugal 2010 –* Disponível em [http://www.obercom.pt/client/?newsId=428&fileName=relat\\_internetPortugal\\_2010.pdf](http://www.obercom.pt/client/?newsId=428&fileName=relat_internetPortugal_2010.pdf). (Acedido em Julho 2011)

## **Anexo 1**

Entrevista a Khaled Kamel, jovem egípcio de 21 anos. A relevância da entrevista explica-se com o papel desempenhado por Khaled Kamel na revolução egípcia, enquanto exemplo de jovem activo nas redes sociais na mobilização da sociedade civil do Egipto. A entrevista, realizada através do Facebook, é apresentada na língua original em que foi feita.

**- As a young man, since when did you feel the need for a change in Egypt?**

I felt the need of a change in Egypt since the discovery that after all the years I spent in education would not take advantage of something and will not have the benefit of my future. I felt the need to have a role in this change, especially after the incident of Khaled Said.

**- Was the situation in Egypt and the need for a change a recurring topic of conversation with your friends? Did you ever speak about specific actions? And did those conversations also take place in the social networks?**

I was talking about this with my friends, of course, but most of them think that there can be no change in Egypt. Then I started blogging and this made me get to know new friends who believed that it could be a change in Egypt.

**- What was your level of participation in the We All Khaled Said page? How did you establish contact with Wael Ghonim? From the beginning did you know who was the page administrator?**

I was making videos that explained the idea of the events that we in the Facebook invite people to it, and I photographed these events. I did not know who's administration is, because this was the safest thing then, I used to send email only.

**- I read in an interview that this connection had started with the publication in your Facebook page of pictures from the first vigil for Khaled Said. What led you to leave home that day with a camera in your hand? What did you have in mind when you published those pictures?**

What made me go there was my belief that I must have a role and help with something that I can do. And because when people see these pictures and know that it is safe, this will make them participate in upcoming events.

**- Did you ever imagine the repercussions and impact the We Are All Khaled Said page? Did you think that the page could be of such importance for the change process?**

Yes, I knew that the page will have a big role in changing Egypt, maybe I wasn't thinking in a revolution, but I knew that we're making a change since I saw people who have nothing to do with politics and they were going to streets with us just for someone they don't know (Khaled Said)

**- Before the Egyptian Revolution of 2011, had you ever participated actively in any form of civil activism or resistance? And if so, did you use social media tools as well?**

No, my first time that I became active was with "We are All Khaled Said"

**- Do you think the use of social media was a decisive factor so that change could happen in Egypt? What, then, could Egypt have overthrown the Mubarak regime?**

Social media had a big role for sure, because no one was able to reach people through the TV or newspapers.

**- In your opinion, what could make social media tools to strengthen political change and civil intervention?**

Because no one can control social media.

**- Will you continue to fight for a democratic change in Egypt? In what way, and will you continue to use the social networks?**

Yes I will, with any way I think it's good.

**- What about the We Are All Khaled Said page? Are you still involved in its activity?**

Yes, I'm still with the page, and I'm still making videos if we need to.

## **Anexo 2**

Entrevista a Paula Gil, de 27 anos, fundadora do Movimento 12 de Março (M12M). A relevância da entrevista justifica-se com o facto de o Movimento 12 de Março ser um exemplo típico de movimento informal de jovens que faz um uso amplo das redes sociais. A entrevista foi realizada por telefone.

**- Começava por lhe perguntar, se antes do M12M já era politicamente activa? Se sim, em que tipo de actividades?**

Fui militante do Bloco de Esquerda, a única filiada do grupo, e durante o período universitário fazia parte de uma associação formada por estudantes, mas não apenas de estudantes, o Centro Interdisciplinar de Pesquisa em Relações Internacionais de Coimbra.

**- Como surgiu o M12M?**

Estávamos todos no café a discutir a música da Dolinda e a reacção do público a essa mesma música e chegámos à conclusão que apesar da música ser muito específica para os jovens, que a precariedade não é uma questão apenas dos jovens. Criámos um evento no Facebook, o protesto da Geração à Rasca, e rapidamente tínhamos mais de 3000 pessoas a dizerem que queriam era manifestar-se, que andavam a esconder a sua precariedade há tempo demais e foi assim que surgiu. O M12M surgiu alguns dias depois da vontade de continuar a fazer algo.

**- Como aconteceu a manifestação do 12 de Março? Esteve envolvida na sua organização? E como foi ela organizada?**

Foi um bocadinho caótico. Todos nós trabalhávamos ou andávamos à procura de emprego, foi um mês inteiro a dormir duas ou três horas por noite, com a mobilização, a fazer turnos para responder às pessoas no Facebook, cartazes para colar, pessoas a contactarem-nos com ideias, reformulações para o protesto, com 1500 emails por dia às vezes. Cansativo, mas foi bom perceber que as pessoas queriam sair à rua, precisavam sair à rua.

**- Qual o seu papel dentro do movimento 12M? Como é que ele se organiza? Tem alguma estrutura hierárquica?**

Não, não há. Todas as decisões são tomadas em conjunto, horas a debater, mas não há líderes. Neste momento somos oito pessoas, é um grupo de amigos, no fundo. Somos todos amigos, todos trabalhamos para o mesmo. Não temos membros, somos basicamente oito amigos que se juntam mais do que uma vez por semana para debater política, pensarmos em novas ideias, em novas formas de mobilizar, em novas formas de demonstrar politicamente aquilo em que nos acreditamos.

Em relação à página [do Facebook] M12M nós temos neste momento perto de seis mil *Likes*, não sei se serão membros. Sei que há muita gente que se identifica com aquilo que nós escrevemos, com aquilo que nós publicamos, mas também há bastantes críticas e é isso que torna a página rica. O facto de haver debate entre todos.

**- Estão em contacto com outros movimentos nacionais que surgiram entretanto, como os Indignados de Lisboa, Verdadeira Democracia Já?**

Agora estamos a fazer a mobilização todos juntos para o 15 de Outubro, criámos uma plataforma que apesar de tudo mantém a independência e a autonomia de todos os grupos e mobilizou para esta manifestação em conjunto em específico. Depois do 15 de Outubro a plataforma vai deixar de existir, uma vez que cada um tem as suas próprias ideias, as suas próprias propostas e somos todos independentes e autónomos uns dos outros.

**- O 15 de Outubro trata-se de um evento mundial – como está a ser feita a organização? Foram feitos contactos com plataformas semelhantes a nível internacional?**

Sim, houve contactos sobretudo com Espanha e com a Grécia. Várias pessoas que estiverem nas Portas do Sol e na Praça Sintagma, trocámos emails, formas semelhantes de mobilização, trocámos ideias, estamos em contacto, mas não há nenhuma relação entre os movimentos.

**- Têm algum espaço físico para os vossos encontros? Será o Facebook, por exemplo?**

Não temos um espaço, o grupo reúne-se em casa uns dos outros rotativamente. O Facebook é um instrumento, uma forma de chegar mais facilmente a outras pessoas, sem ter uma estrutura, um partido ou um sindicato, portanto é uma forma gratuita e simples de chegar a um maior número de pessoas possível no menor tempo possível.

**- As redes sociais foram importantes na mobilização de 12 de Março?**

Penso que sim, que tiveram impacto, foi a primeira vez que aconteceu em Portugal, portanto era algo de novo e teve bastante atenção da comunicação social.

**- Dado o carácter informal do M12M, pergunto se têm alguma fonte de financiamento?**

Não, nós autofinanciamo-nos, tentamos que fique o mais barato possível. Por exemplo, no 12 de Março nós pedimos às pessoas para imprimirem um cartaz em casa e colarem nas casas, nas janelas ou onde quisessem, e as pessoas fizeram isso. O Facebook permite-nos o protesto do *“do it yourself”*.

**- Considera que podem alterar os níveis de participação dos cidadãos em Portugal? Vê nestas redes capacidade para mobilizar novos elementos, ou apenas aqueles que já são politicamente activos?**

Eu penso que sim. Em Portugal estamos agora a começar, mas por exemplo na Islândia as pessoas votaram a constituição nas redes sociais. As pessoas têm oportunidade de participar activamente, de moldar os direitos. Existe essa possibilidade, embora as redes sociais não tenham sido criadas para esse efeito.

